

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

NATALIA MATTOS VIEIRA

A BOLA COMO ARMA DE GUERRA:

O futebol como instrumento de propaganda para o governo nazista

**ERECHIM
2024**

NATALIA MATTOS VIEIRA

A BOLA COMO ARMA DE GUERRA:

O futebol como instrumento de propaganda para o governo nazista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Wagen Fraga

ERECHIM

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Vieira, Natalia Mattos

A BOLA COMO ARMA DE GUERRA: O futebol como instrumento de propaganda para o governo nazista / Natalia Mattos Vieira. -- 2024.
85 f.

Orientador: Doutor Gerson Wagen Fraga

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História, Erechim,RS, 2024.

1. Futebol e Propaganda Nazista. 2. História e futebol. 3. Nazismo. 4. Esporte e Ideologia Política. 5. Instrumentalização do Futebol. I. Fraga, Gerson Wagen, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

NATALIA MATTOS VIEIRA

A BOLA COMO ARMA DE GUERRA:

O futebol como instrumento de propaganda para o governo nazista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 06/12/2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **GERSON WASEN FRAGA**
Data: 22/01/2025 20:22:05-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Gérson Wasen Fraga – UFFS
Presidente/Orientador

Documento assinado digitalmente
 **GERSON WASEN FRAGA**
Data: 23/01/2025 17:11:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. João Manuel Casquinha Malaia Santos – UFSM
Avaliador

Documento assinado digitalmente
 **MURILLO DIAS WINTER**
Data: 23/01/2025 17:19:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Murillo Dias Winter – UFFS
Avaliador

Dedico este trabalho aos meus pais e meus irmãos, obrigada pelo apoio e incentivo aos meus estudos, sem vocês este momento não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, por todo o incentivo que sempre recebi, obrigada por me ensinarem desde pequena que o estudo estava acima de tudo. Obrigada por lutarem tanto para terem condições de me ajudar a entrar e me manter em uma universidade. Obrigada por todas as vezes que ouviram meus choros e aflições, sei que não foi fácil deixar nossa casa, nossa cidade, nossa família, para viver uma vida completamente nova. Por fim, agradeço por todo amor e apoio que recebo, amo vocês.

Aos meus irmãos, agradeço pela compreensão e carinho que recebi, nem sempre sou a irmã mais velha que vocês merecessem, mas saibam que os amo mais que tudo. Ao restante de meus familiares, em especial a vózinha Maria, estamos muito longe uma da outra, mas obrigada pelo apoio e pelas palavras de incentivo e carinho a cada ligação e visita, e ao meu sobrinho Ítalo, sua chegada deixou nossas vidas muito melhores. Agradeço também a vózinha Roseli, infelizmente você não pode estar comigo nesta jornada, mas sei que de onde está você está orgulhosa, apoiando e cuidando de mim.

As amigadas que fiz durante a graduação, especialmente o grupinho da História, obrigada por cada conversa, cada risada, cada atraso para as aulas, vocês deixaram esses anos de curso muito mais agradáveis.

Ao meu cachorrinho Theodoro, obrigada por ter ficado ao meu lado durante as madrugadas em que escrevi este trabalho, ter adotado você este ano foi a melhor coisa que me aconteceu.

Por fim, agradeço aos professores do Curso de História da Universidade da Fronteira Sul por todas as aulas, pela paciência e a dedicação para nos ensinar. Em especial, agradeço o professor Gerson Wasen Fraga, meu orientador, que além de ótimas aulas, também dá ótimos conselhos sobre TCC, obrigada por toda a compreensão e paciência, as sugestões, e correções feitas durante estes último ano.

RESUMO

Entre 1933 e 1945, a Alemanha nazista assombrava a democracia mundial, gerando discursos eugenistas, genocídios e guerras pelo continente europeu. Consequentemente a ascensão do nazismo ao poder, e a declaração da Segunda Guerra Mundial, estão diretamente ligadas as propagandas políticas bem sucedidas realizadas por Hitler, e seu braço direito, o ministro da propaganda Joseph Goebbels. Assim, durante este período, o esporte, especialmente o futebol, foi instrumentalizado estrategicamente para disseminar valores ideológicos, ao mesmo tempo em que promovia a ideia de superioridade racial ariana, tanto internamente quanto no cenário internacional. Deste modo, o presente trabalho consiste na análise do uso do futebol como ferramenta de propaganda pelo Terceiro Reich, apresentando o modo como Adolf Hitler e o governo nazista se apropriaram de competições esportivas, clubes e eventos, como os Jogos Olímpicos de 1936, e as ligas de futebol nacionais e internacionais, com a intenção de fortalecer sua propaganda política e sua imagem de superioridade como país. Por fim, esta monografia contribui para o entendimento do papel do futebol em regimes totalitários e sua relevância nos discursos ideológicos.

Palavras-chave: História e Futebol. Nazismo. Futebol e Propaganda Nazista. Esporte e Ideologia Política. Instrumentalização do Futebol.

ABSTRACT

Between 1933 and 1945, Nazi Germany haunted world democracy, generating eugenicist discourse, genocide and wars across the European continent. Consequently, Nazism's rise to power and the declaration of the Second World War are directly linked to the successful political propaganda carried out by Hitler and his right-hand man, propaganda minister Joseph Goebbels. Thus, during this period, sport, especially soccer, was used strategically to disseminate ideological values, while promoting the idea of Aryan racial superiority, both internally and on the international stage. In this way, this work analyzes the use of soccer as a propaganda tool by the Third Reich, showing how Adolf Hitler and the Nazi government appropriated sports competitions, clubs and events, such as the 1936 Olympic Games, and national and international soccer leagues, with the intention of strengthening their political propaganda and their image of superiority as a country. Finally, this monograph contributes to an understanding of the role of soccer in totalitarian regimes and its relevance in ideological discourses.

Keywords: History and Football. Nazism. Football and Nazi Propaganda. Sport and Political Ideology. Instrumentalization of Football.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa de um livro infantil alemão antissemita, Der Giftpilz (O Cogumelo Venenoso), publicado na Alemanha pelo Der Stuermer-Verla.....	48
Figura 2 - Cartaz de propaganda nazista adverte os alemães sobre os perigos dos "subumanos" do leste europeu.	48
Figura 3 - Cartaz com o título: "Die Nurnberger Gesetze" As Leis Raciais de Nuremberg. O cartaz mostrava colunas que explicavam quem eram os "Deutschbluetiger", os "Mischling 2 Grades", os "Mischling 1 Grades", e "Jude"......	49
Figura 4 - Hitler mostrado como astro de cinema em cartaz eleitoral.....	49
Figura 5 - Foto de um filme propaganda produzido pelo RMVP, com a intenção de gerar apoio público para o Programa de Eutanásia.....	50
Figura 6 - Pôster alemão de 1940 do filme DIE ROTHSCHILDS	50
Figura 7 - Cartaz do filme “Jud Süß” produzido pelo Ministério da Propaganda em 1940...51	51
Figura 8 - Cartaz do filme “Der ewige Jude” produzido pelo Ministério da Propaganda em 1940.	51
Figura 9 - Cartão postal da década de 1930 mostrando um exilado judeu russo estereotipado como uma bola de futebol sendo expulso do mundo.....	61
Figura 10 - 1938: Seleção inglesa em jogo amistoso de futebol contra a seleção alemã, reproduzindo a saudação nazista em frente ao público presente.	66
Figura 11 - 1938: Seleção inglesa em jogo amistoso de futebol contra a seleção alemã, reproduzindo a saudação nazista em frente ao público presente	67
Figura 12 - <i>Jogadores do clube de futebol F. C Start.</i>	73
Figura 13 - Tabela desenhada à mão da Liga Terezín do outono de 1943, autor desconhecido. Campeões: Köche (cozinha).	75
Figura 14 - Jogo de futebol da Liga Terezín durante as filmagens do filme propaganda	78
Figura 15 - Jogo de futebol da Liga Terezín durante as filmagens do filme propaganda	78
Figura 16 - Jogo de futebol da Liga Terezín durante as filmagens do filme propaganda	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

D.A.P	Partido dos Trabalhadores Alemães
DFB	Federação Alemã de Futebol
EUA	Estados Unidos da América
FIFA	Federação Internacional de Futebol
Gestapo	Polícia Secreta do Estado - Geheime Staatspolizei
NSDAP	Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães
RMVP	Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda
SD	Serviço de Segurança
SS	Esquadrão de Proteção - Schutzstaffel
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 PROPAGANDA E POLÍTICA	16
2.1 LIDERANÇA E PODER. DOIS PRINCÍPIOS QUE ANDAM JUNTOS: TEORIA DO LÍDER SEGUNDO OS PRINCÍPIOS DE MAQUIAVEL E GRAMSCI.....	16
2.2 UMA RELAÇÃO ALÉM DO TEMPO CONTEMPORÂNEO: PODER, POLÍTICA E PROPAGANDA.....	18
2.2.1 Poder:.....	19
2.2.2 Poder político	19
2.3 POLÍTICA E PROPAGANDA: UMA PARCERIA IMPARÁVEL.....	20
2.3.1 O avanço dos meios de comunicação	22
3 PROPAGANDA POLÍTICA E A ALEMANHA NAZISTA	27
3.1 ALEMANHA PÓS PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL	27
3.1.1 Fim da Primeira Guerra Mundial.....	27
3.1.2 Conferência da Paz de Paris e Tratado de Versalhes: suas consequências em território alemão	27
3.1.3 Instauração da República de Weimar e crise econômica na Alemanha.....	29
3.1.4 Reestruturação econômica (1924-1929).....	31
3.2 OS CAMINHOS ATÉ HITLER: A INSATISFAÇÃO DA POPULAÇÃO ALEMÃ APÓS A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL.....	32
3.2.1 Propaganda política: o crescimento da figura de Adolf Hitler	33
3.2.2 Uma nova (e perigosa) liderança do N.S.D.A.P	35
3.2.4 Os caminhos para o poder: a construção da imagem de Hitler como Salvador da Alemanha.....	37
3.3 NAZISMO E SUAS FERRAMENTAS: A PROPAGANDA NAZISTA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	39
3.3.1 Joseph Goebbels e criação do Ministério da Propaganda.....	42
3.4 A DISSEMINAÇÃO DO ANTISSEMITISMO EM TERRITÓRIO ALEMÃO.....	43
3.4.1 Evolução do ódio contra judeus.....	44
3.4.2 Leis de Nuremberg	46
3.4.3 Declarada a Segunda Guerra, Campos de concentração e extermínio dos judeus. 46	
3.4.4 Exemplos de propagandas expostas pelo governo nazista.	48
4 ARMAS NÃO SÃO O SUFICIENTE	52

4.1 ESPORTE E NAZISMO.....	52
4.1.1 Esporte, política e propaganda.	52
4.1.2 O esporte para a Alemanha nazista.	53
4.1.3 Berlim 1936 e a representação da raça ariana.	55
4.2 UMA GUERRA DENTRO DE QUATRO LINHAS: FUTEBOL E A PROPAGANDA NAZISTA	58
4.2.1 DFB e o futebol no fortalecimento do regime nazista	58
4.2.2 Campeonatos internacionais, Olimpíadas e imposição de valores nazistas	62
4.3 FUTEBOL FORA DOS ESTÁDIOS E DENTRO DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO	67
4.3.1 Futebol em tempos de guerra: como as partidas de futebol durante a Segunda Guerra Mundial foram utilizadas para fins de propaganda do Terceiro Reich	67
4.3.2 Jogo Da Morte e a propaganda política negativa para a Alemanha nazista.....	70
4.3.3 Futebol em Theresienstadt: Liga Terezín e a produção do filme propaganda <i>Der Führer schenkt den Juden eine Stadt</i> (Hitler constrói uma cidade aos judeus).	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS.....	82

1 INTRODUÇÃO

Futebol. Um esporte amplamente praticado ao redor do mundo, conhecido e adorado pela grande maioria. Berço de lutas e debates sociais, onde o ato de correr atrás de uma bola acaba por mudar seu sentido. Enquanto alguns assistem a uma partida de futebol e veem uma mera forma de entretenimento e lazer, outros enxergam o potencial político e midiático que existem dentro das quatro linhas.

No conturbado cenário da Europa no período entre as décadas de 1930 e 1940, o esporte, em particular o futebol, emergiu como uma poderosa ferramenta de influência política e social. Este Trabalho de Conclusão de Curso explora o papel crucial desempenhado pelo futebol como ferramenta de propaganda durante o regime da Alemanha nazista. No meio de uma atmosfera política dominada pela ascensão de Adolf Hitler e do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), o futebol tornou-se um veículo estratégico para difundir as ideologias do regime, moldar a opinião pública e consolidar o apoio popular.

Nesse projeto em específico, a partir do acesso a materiais tanto acadêmicos como midiáticos, foi possível localizar situações e momentos em que a ascensão do futebol como um esporte amplamente popular, jogado por todos e por todas as classes sociais, chega a Alemanha e posteriormente ao governo nazista. Mesmo não sendo, naquela época, um esporte com viés político declarado, a Federação Alemã de Futebol (DFB) não poupou esforços para manter o esporte em alta, mesmo em um momento de tensão pré-guerra, no qual Adolf Hitler e o NSDAP dominaram e implantaram um modo de governar totalitário. Sendo assim, o esporte, ao ganhar atenção popular, entrou no radar do governo (MERKEL, 2000, p. 167-186).

Segundo D'Anieri (2018, p. 1-15), o fim da Primeira Guerra Mundial e as limitações impostas ao exército alemão pelos países Aliados fez com que os esportes, tornados práticas populares, fossem utilizados por aqueles que não poderiam mais alistar-se no exército como uma forma para obter seu treinamento físico e disciplinar. O futebol a partir desse momento passou a ser não apenas um esporte comum, mas sim uma ferramenta para o exército e o governo alemão.

Entretanto, além do viés militar, essa atividade também foi utilizada como uma forma de exclusão dos jogadores judeus, pois anteriormente ao governo de Hitler e as Leis de Nuremberg, criadas para impor uma divisão entre os alemães considerados de raça ariana e os povos judeus que viviam em território alemão, existiam times de futebol mistos ou apenas de jogadores judeus, porém isso mudou com o início do regime nazista. A partir desse momento,

só era permitida a existência de clubes que se adequassem e seguissem as ideologias nazistas, mesmo que de forma não explícita publicamente (D'ANIERI, 2018, p. 5-8).

Dessa forma, o futebol passa a ser o lar de clubes dirigidos por pessoas que se filiaram ao NSDAP. Para a mídia internacional a Federação Alemã de Futebol não fazia parte do governo de Hitler, porém a realidade era outra (D'ANIERI, 2018, p. 8-9). Todavia, enquanto esse mesmo discurso era divulgado, eventos esportivos eram criados, partidas de futebol contra times de outros países eram jogadas, isso tudo com a intenção de mostrar a força e o poder do povo alemão que foi reconstruída após anos desde o fim da Grande Guerra. Podemos dizer que ministério de propaganda do partido funcionou de maneira estrondosa naqueles anos. Filmes, rádios e esportes não fugiram desse fato. Todos os ramos de comunicação e entretenimento serviram como peças chaves para adquirir o apoio e simpatia daqueles que viviam em territórios alemães, tanto quanto conseguiam disseminar seus ideais para o resto do mundo.

À vista disso, ao analisar a utilização do futebol como meio de propaganda durante o regime nazi, este estudo procura esclarecer como os eventos desportivos foram habilmente manipulados para promover a narrativa ideológica, promulgar a identidade nacional e fortalecer os laços de lealdade à liderança. Esta pesquisa analisa os métodos e estratégias utilizados pelo governo nazista para obter o apoio – mesmo que de forma inconsciente – do povo alemão, algo que mostrava o poder e eficácia das propagandas do Terceiro Reich. Portanto, esta pesquisa tem por objetivo analisar as relações políticas e sociais entre o futebol e o regime nazista na primeira metade do século XX, e como essas relações foram utilizadas como instrumentos de propaganda e disseminação da ideologia nazista durante a ascensão do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães e o governo de Adolf Hitler.

O presente trabalho originou-se do interesse em abordar um tema relacionado ao esporte, contudo, o futebol em si é uma temática abrangente, oferecendo diversas opções de assuntos para um aprofundamento mais significativo. Sendo assim, o primeiro passo que dei com relação à pesquisa para o TCC foi iniciar o processo de delimitar os meus estudos. Coincidentemente, a disciplina de TCC I começou no mesmo período em que iniciou os estágios de regência nas escolas, onde estava dando aulas sobre Segunda Guerra Mundial, especificamente sobre as propagandas elaboradas pelo Partido Nazista. Durante a pesquisa para preparar os planos de aula, encontrei cenas do filme de propaganda/documentário “The Führer Gives A City To The Jews” criado em 1944 sobre Theresienstadt (Terezin), um campo de concentração para Judeus na, até então, Tchecoslováquia. O filme foi feito com a intenção de mostrar a todos que a vida daqueles que ali viviam não era horrível, o que era obviamente,

uma grande mentira criada para a propaganda nazista. Entretanto, a partida de futebol presente nele me gerou uma maior curiosidade.

A partir dessa cena em especial, iniciou-se uma pesquisa mais detalhada sobre a relação entre o futebol e a propaganda e disseminação da ideologia nazista. Entretanto, foram encontradas informações limitadas em artigos ou trabalhos acadêmicos em português. Alguns sites e jornais trabalhavam com o tema, entretanto este não é um assunto amplamente discutido entre autores brasileiros, com exceção de alguns livros ou artigos que tratavam dos governos totalitários da Europa do século XX e sua relação com o futebol de forma ampla¹. De certo modo, esse foi um dos principais motivos para a decisão de continuar com esse tema para o Trabalho de Conclusão de Curso, pois ao encontrar autores internacionais que falam sobre essa relação, manifestou-se uma vontade de criar um trabalho voltado para esse assunto.

Assim, o objetivo geral deste TCC é analisar as táticas relacionadas ao futebol alemão que foram utilizadas como parte da propagação das ideologias nazistas e sua propaganda. Desse modo, nesse estudo, também serão abordados os seguintes objetivos específicos: identificar episódios onde o uso do futebol como ferramenta de propaganda foi explicitamente utilizado; verificar a ligação entre o futebol e o partido nazista na primeira parte do século XX; pesquisar as formas de persuasão nazista dentro dos clubes de futebol alemães, e analisar o modo como o futebol foi utilizado para o benefício do estado nazista fora dos campos.

Em relação a metodologia escolhida para este trabalho, o estudo terá uma abordagem qualitativa, utilizando análises de referenciais bibliográficos. Sendo assim, a pesquisa também se baseará em fontes como filmes e reportagens, enquanto o método de estudo será desenvolvido com base em conceitos dedutivos de análise, visando uma compreensão aprofundada da interação entre o futebol e a propaganda.

Este trabalho consistirá de três capítulos que serão apresentados da seguinte maneira: no primeiro capítulo, a pesquisa abordará a fundamentação teórica que sustenta a interseção entre propaganda, política e história. Examina-se a natureza intrínseca da propaganda como uma ferramenta influente na manipulação de percepções públicas, especialmente em contextos históricos significativos.

O segundo capítulo será focado, principalmente, no contexto histórico da Segunda Guerra Mundial, com especial atenção à Alemanha Nazista. Serão exploradas as nuances do

¹ Alguns destes textos também discorriam sobre o futebol na Alemanha nazista, entretanto a maioria deles foram encontrados após uma pesquisa mais aprofundada, ou seja, não foram achados facilmente tanto na internet ou em versões físicas.

poderio de propaganda do governo nazista, examinando como essa propaganda desempenhou um papel crucial na disseminação de ideologias e na consolidação do poder durante esse período tumultuado.

Por fim, o terceiro e último capítulo será dedicado à uma análise detalhada dos materiais utilizados para a resolução do problema de pesquisa. Ou seja, neste capítulo será incluído uma investigação aprofundada do contexto histórico do futebol na Alemanha Nazista, destacando o esporte como um veículo proeminente para a disseminação da propaganda nazista. A interseção entre o cenário do futebol das décadas de 30 e 40, e a estratégia de propaganda será minuciosamente examinada, delineando como o futebol foi instrumentalizado como uma ferramenta propagandística para avançar os objetivos políticos do regime nazista.

2 PROPAGANDA E POLÍTICA

[...] Depois da minha entrada no "Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães", tomei imediatamente conta da direção da propaganda. Eu tinha este setor, naquele momento, como o mais importante de todos [...] dediquei-me, nos primeiros tempos da minha atividade partidária, à propaganda. Por essa propaganda dever-se-ia conseguir, pouco a pouco, um pequeno núcleo de indivíduos, convencidos da nova idéia [...] o primeiro dever da propaganda consiste em conquistar adeptos para a futura organização [...] o segundo dever da propaganda é a destruição do atual estado de coisas e a disseminação da nova doutrina (HITLER, 2020, p. 440-442).

2.1 Liderança e poder. Dois princípios que andam juntos: teoria do líder segundo os princípios de Maquiavel e Gramsci.

Liderança e poder são vistos como elementos que se completam, para um existir o outro se mostra em ação. Um líder ou um governante busca em suas ações e políticas, a conquista ou aumento de sua arma mais preciosa: o poder perante o seu povo.

Segundo Maquiavel (2008), o príncipe – para este contexto, o líder – deve exercer um poder, que para aquele contexto histórico, era visto como imoral e contra os princípios defendidos pela igreja. Em “O Príncipe”, ele descreve as características que ele via como essenciais para a formação de um bom governante, entre essas características Maquiavel discorre sobre a necessidade desse príncipe saber adaptar-se com sucesso a todas as mudanças impostas a ele e seu governo, controlando o seu destino e o de seu reino. para melhor exemplificar o autor apresenta ao leitor o

conceito de virtú significava “todo conjunto de qualidades, sejam elas quais forem, sendo o vício uma virtude que não deveria ser excluída, uma vez que os príncipes deviam saber usá-la quando as circunstâncias o exigissem. As qualidades precisavam ser adquiridas pelo príncipe para manter o Estado e realizar grandes feitos (PIEREZAN, 2004, p.142).

Maquiavel também destaca ao fator Força em seus textos, é necessário que seu governante saiba usar tanto a sua força (seus exércitos) como também a sua perspicácia e astúcia com relação a como governar, ou seja, o príncipe deve estar ciente que seu poder/liderança também virá da maneira como ele irá conseguir manipular a visão que o povo terá de seu governo.

[...] a natureza dos povos é lábil: é fácil persuadi-los de uma coisa, mas é difícil que mantenham sua opinião. Por isso, convém ordenar tudo de modo que, quando não mais acreditam, se lhes possa fazer crer pela força (MAQUIAVEL, 2000, p.36).

Entretanto, essas ações nada seriam sem o domínio sobre a sua imagem. Um líder poderá agir de modo imoral desde que mantenha a sua aparência nobre, não importa os seus erros ou acertos, perante o seu povo ele deverá parecer sempre um homem virtuoso, um homem que zela pela honestidade e pela justiça, ou seja, ele deve manipular a sua imagem e usa-la como um instrumento para impor poder, conquistar e controlar a confiança daqueles que ele governa. “O caminho maquiaveliano para o domínio absoluto dos espaços conquistados em suma são: marcar presença, atrair os mais fracos sem aumentar seu poder, abater os mais fortes e não deixar que as novas lideranças se estabeleçam em seu terreno (LAZARINI; PIEREZAN, 2009, p. 9).

Diferentemente de Maquiavel, Antonio Gramsci (1978) oferece uma perspectiva com foco na estrutura política do governo, desse modo sendo uma visão mais complexa do que é visto em O Príncipe. Para Gramsci, o poder e uma boa liderança não surgem apenas pela as ações de um único homem, mas sim por um conjunto de fatores. O tão desejado poder não cai apenas nas mãos de um líder autoritário, Gramsci evidencia a relevância de se criar um grupo ou classe que fique responsável pelo controle deste poder político, de modo que ele cresça tendo como fundamento a importância de manter como foco principal o consentimento, não se deixando usar apenas a sua autoridade de forma coerciva.

Desta forma, ele apresenta as suas ideias relacionadas a hegemonia de massas. Segundo Gramsci (2002), o conceito de hegemonia nada mais é do que a dominância da cultura, ideologias, valores etc. de um povo sobre o outro, sendo assim, ele usa deste conceito para explicar os motivos porque um povo consegue impor com sucesso poder sobre o próximo

[...] a supremacia de um grupo se manifesta de dois modos, como “domínio” e como “direção e intelectual e moral”.Um grupo social domina os grupos adversários, que visa a “liquidar” ou a submeter inclusive com a força armada, e dirige os grupos afins e aliados (GRAMSCI, 2002, p. 62-63).

Assim, é possível elaborar que a hegemonia na visão de Gramsci é a prevalência da sociedade civil sobre a sociedade política.

[...] Gramsci, ao contrário, situa o terreno essencial da luta contra a classe dirigente na sociedade civil: o grupo que a controla é hegemônico e a conquista da sociedade política coroa essa hegemonia, estendendo-a ao conjunto do Estado (sociedade civil

mais sociedade política). A hegemonia gramscista é a primazia da sociedade civil sobre a sociedade política (PORTELLI, 1977, p. 65).

De acordo com Gramsci (1978, p. 33), a supremacia do grupo se manifesta tanto no domínio sobre grupos opositores quanto na liderança intelectual e moral. Para conquistar o poder governamental, um grupo deve primeiro se estabelecer como líder. Mesmo após assumir o poder, é essencial manter essa liderança para permanecer dominante. Esta dualidade de domínio e liderança é fundamental para a manutenção do poder dentro de um grupo social. Assim, Gramsci também destaca que a questão da hegemonia envolve considerar os interesses dos grupos sobre os quais ela será exercida, e não simplesmente submissão ao grupo hegemônico.

Por conseguinte, pode-se afirmar que as ideias de Maquiavel e Gramsci sobre liderança e poder fornecem perspectivas diferentes em relação à política. Enquanto Maquiavel enfoca o governante individual e as dinâmicas imediatas do poder, Gramsci aborda o poder de forma mais estrutural, destacando a importância das ideologias e do consentimento das massas para manter a ordem social. Juntos, eles oferecem uma visão abrangente das complexidades do poder, liderança e relações políticas ao longo da história.

Contudo, Fornazieri (2022), em seu livro *Liderança e Poder*, nos traz uma visão atualizada desta relação, o que nos leva ao ponto principal deste capítulo: as relações entre o poder exercido por um líder, e como este poder está fortemente envolvido com a política e os efeitos da propaganda.

Do ponto de vista político, o líder tem duas missões fundamentais: defender o grupo, a comunidade, e dirigi-lo para que consiga viver em níveis razoáveis de convívio, paz e ordem. Para isto, os líderes precisam empreender um esforço único, inaudito, muitas vezes usando meios condenáveis e terríveis – a exemplo da violência. Meios coercivos, forças policiais, leis, instituições e educação são recursos que constroem e educam os seres humanos a viver segundo regras e normas, limitando seu potencial destrutivo (FORNAZIERI, 2022, p.54).

2.2 Uma relação além do tempo contemporâneo: poder, política e propaganda.

Para melhor dialogar sobre as relações entre **poder, política e propaganda** é fundamental ter conhecimento sobre a definição desses conceitos, para uma compreensão maior das dinâmicas sociais e políticas em que eles estão, assim para abordar de forma mais abrangente esta relação, é essencial entender como esses elementos se conectam e influenciam mutuamente no processo de governança e controle social.

2.2.1 Poder:

De acordo com Weber (1999) "poder significa toda probabilidade de impor a própria vontade numa relação social, mesmo contra resistências, seja qual for o fundamento dessa probabilidade", ou seja, o poder é a capacidade de influenciar o comportamento de indivíduos ou grupos, moldando suas decisões em benefício de quem o detém. "Para Max Weber o poder prescinde do uso da força ou da violência; sem ambos ele não existe. Assegura ainda que o Estado consiste em uma relação de dominação do homem sobre o homem fundada em meio à violência legítima" Tassin (1994 apud BARBOSA, 2001, p. 46).

Deste modo, Weber define o poder como a capacidade de impor a vontade de alguém sobre os outros, podendo ser exercido por meio de diferentes mecanismos, como a força, fatores econômicos ou pela própria persuasão ideológica de uma pessoa (ou conjunto) sobre a outra.

Como também em seu texto, Ferreirinha e Raitz (2010, p.382), trazendo uma visão atual sobre poder, afirmam que o poder não está limitado ao Estado ou à soberania, mas sim presente em todas as partes. A ação contínua do poder pode estar dentro da lei ou da verdade, sendo entendido como uma relação fluída e não ligado a uma instituição específica. A interação entre formas e conteúdos gera conhecimento, enquanto a força é necessária para instituir o que será considerado como poder. Assim, a constituição do sujeito e da sociedade ocorre pela interseção do poder e conhecimento.

o poder irá incidir sobre a natureza humana conflitiva, sobre as diferenças materiais que suscitam divisões na sociedade e sobre praticamente todas as relações entre sujeitos, sejam elas pacíficas e cordatas, conflitivas ou belicosas. Para exercer o poder, as pessoas usam meios para mediar suas relações. Os meios são múltiplos, de diversas ordens. Eles devem ser escolhidos de acordo com as circunstâncias e de acordo com os fins (FORNAZIERI, 2022, p. 29).

2.2.2 Poder político

A política é o espaço onde o poder é disputado e exercido, segundo Michel Foucault (1979). Ele argumenta que o poder não é algo estático, mas permeia todas as interações sociais e se manifesta de maneira complexa. Governos, partidos políticos e outras instituições buscam ampliar e manter a sua influência por meio de narrativas e símbolos que legitimam e reforçam a sua autoridade. Segundo palavras de Fornazieri (2022, p.31), "no exercício do poder político

há evidente interação com o poder econômico, social, militar etc. Existe o poder do homem sobre a natureza que também interfere no poder do homem sobre o homem e constitui, principalmente, poder econômico.”

Assim, é possível dizer que o poder político, em particular, refere-se à capacidade de um governo ou grupo político de tomar decisões que afetam a sociedade em geral, utilizando mecanismos como leis, regulamentos e políticas públicas. Contudo, o poder também se manifesta no controle da informação e na utilização da propaganda para moldar a opinião pública. Este tipo de poder também deve criar um mecanismo burocrático capaz de implementar e manter as decisões do Estado. Esta estrutura compreende também o controle das forças militares, da administração pública, do sistema judicial e da cultura dos meios de comunicação, sendo esta última uma parcela importante da manutenção da sociedade. É entendível que o poder em sua essência é uma interação entre sujeitos em que um dos lados busca, a partir das escolhas disponíveis, influenciar as escolhas do outro. Por esta razão aqueles que estão no poder devem ter uma forma de mediar (FONAZIERI, 2008, p. 29-32).

Como já dito por Maquiavel, a imagem de um líder, ou deste caso um indivíduo ou partido político, é a peça indispensável para manter-se no poder. Deste modo, a partir daqui poderemos focar no papel da propaganda política e como ela é utilizada como ferramenta de manutenção de imagem, e além disto, como ela contribui para a conquista da opinião popular, podendo também mudar e influenciar o modo como a população interage e enxerga a sociedade daquele Estado.

Querer conquistar é realmente coisa muito natural e comum, e todas as vezes que o façam os homens que o podem serão disso louvados e não condenados [...]. Havendo ainda dois meios de chegar um simples cidadão ao principado, para os quais não contribui inteiramente a fortuna ou a virtude [...]. Esses meios são a prática de ações celeradas e nefandas ou o favor dos outros concidadãos. [...] Quem, portanto, se tornar príncipe com o favor do povo deve conservá-lo seu amigo [...], quem chegar a essa altura com o bafejo dos poderosos, e contra a vontade do povo, busque, antes de mais nada, captar as simpatias deste, o que lhe será fácil quando o puser sob a sua proteção (MAQUIAVEL, 2008, p. 56-66).

2.3 Política e propaganda: uma parceria imparável

A relação entre os meios de comunicação social e a política é antiga e complexa, sendo crucial na formação da opinião pública e identidades políticas. A propaganda é utilizada para influenciar as massas e criar narrativas para líderes e movimentos políticos. Com o crescimento

dos meios de comunicação de massa, a publicidade política se tornou mais importante nas campanhas eleitorais e nas políticas governamentais.

A propaganda é uma ferramenta poderosa que visa persuadir ou manipular a opinião pública em favor de uma determinada agenda política. Historicamente, regimes autoritários e as democracias utilizaram da propaganda para moldar as visões públicas sobre determinados eventos regionais ou mundiais, líderes e políticas.

Durante a primeira metade do século XX, o uso da propaganda estava relacionado principalmente aos regimes totalitários, como na Alemanha, Itália e Espanha, onde seus governos e líderes utilizaram dos meios de comunicação de massa para criar uma imagem específica e idealizada de seus regimes. No entanto, a propaganda também é usada em contextos democráticos, como nos Estados Unidos, que através de campanhas publicitárias destinadas a construir uma imagem pública favorável de seus governantes, conseguiram apoio as ações de seu governo e de suas políticas.

Desta forma, propaganda política pode ser compreendida como uma expressão de poder, na medida em que exerce influência sobre as percepções e crenças da população, facilitando, assim, a aceitação de políticas e agendas específicas. Nesse contexto, governos que mantêm controle sobre os meios de comunicação possuem uma vantagem significativa na formação da opinião pública e na mobilização de apoio popular para seus objetivos. Segundo Lippmann (1922), o controle da informação permite aos governantes moldar a "realidade" percebida pela população, enquanto Chomsky (2015) destaca que, ao dominar a mídia, o Estado consegue direcionar o discurso público em benefício de suas próprias metas políticas. Portanto, a propaganda, ao ser utilizada estrategicamente, torna-se uma ferramenta poderosa de controle social e manipulação ideológica.

A propaganda é uma tentativa de influenciar a opinião e a conduta da sociedade, de tal modo que as pessoas adotem uma opinião e uma conduta determinada ou ainda: A propaganda é a linguagem destinada à massa; ela emprega palavras ou outros símbolos veiculados pelo rádio, pela imprensa e pelo cinema. O escopo do propagandista é o de influir na atitude das massas no tocante a pontos submetidos ao impacto da propaganda, objetos da opinião [...] a propaganda sugere ou impõe crenças e reflexos que, amiúde, modificam o comportamento, o psiquismo e mesmo as convicções religiosas ou filosóficas. Por conseguinte, a propaganda influencia a atitude fundamental do ser humano (DOMENACH, 1963, p 4).

2.3.1 O avanço dos meios de comunicação

A invenção da imprensa, do cinema e da rádio são marcos importantes na história da comunicação e da transmissão de informação. Todas estas tecnologias tiveram um impacto profundo na sociedade e mudaram a forma como as pessoas acedem e partilham conhecimento.

- **Imprensa: Gutenberg e a invenção da impressão.**

A invenção da imprensa de tipos móveis por Johannes Gutenberg revolucionou a produção de livros no século XV, a partir de sua invenção, foi possível a execução de uma produção em quantidades significativamente maiores, reduzindo o custo e o tempo necessário para produzir textos, antes feito à mão, o que resultava em uma produção lenta e cara, onde esses textos eram disponíveis apenas para pessoas que possuíam uma posição (e conhecimento) mais elevada na sociedade, como ministros e nobres.

A partir dessa produção consideravelmente mais barata para os padrões anteriores, a disseminação destes textos se tornou mais democrática, ocasionando em uma divulgação de novos pensamentos e ideologias para indivíduos de locais onde antes essas informações não chegavam. Todavia, o acesso aos jornais, livros, ou textos em geral ainda era limitado a uma sociedade melhores condições financeiras. Isto só vem a mudar com a criação do jornal moderno, segundo Domenach (1963, p. 6), alguns fatores ajudaram nessa popularização do jornal moderno, sendo elas: a invenção da rotativa; um maior número de publicidades em suas publicações (gerava maiores lucros); e a aceleração da distribuição destes jornais por conta dos novos meios de transportes.

Cria-se dessa forma o jornal moderno, cujo baixo preço e cuja apresentação o transformam em um instrumento popular e em uma formidável potência de opinião. Ao mesmo tempo em que aumentam as tiragens, bem como sua influência, os jornais tornam-se "negócios" a serviço do capitalismo ou do Estado e dependem de agências de informações, igualmente controladas (DOMENACH, 1963, p. 6).

Entretanto, de acordo com Feldhues (2008, p.1), desde a invenção da imprensa, seu uso e influência mudaram drasticamente. É correto dizer que a imprensa se tornou rapidamente uma ferramenta poderosa para influenciar as políticas governamentais no início do século XX.

A imprensa foi uma descoberta que marcou a história, não só pelo novo modo de disseminação da informação, mas como uma ferramenta que proporcionou mudanças sociais, políticas e psicológicas. Isso alterou todos os aspectos da cultura europeia do século XV. Como instrumento de mudança, contribuiu consideravelmente para a emergência da ciência, religião, cultura e política [...] Bacelar (1999 apud RIBEIRO; CHAGAS; PINTO, 2007, p. 30).

[...] informações por meio da imprensa que teria como um de seus papéis informar a população nacional e mundial sobre os acontecimentos que estavam sucedendo. Há um atrelamento da comunicação com a política, das notícias que seriam veiculadas para uma população de maneira mais rápida do que antes, de maneira mais livre, em seu pensamento e posicionamento (BRITO; TEIXEIRA, 2021, p. 101).

- **Cinema, o início das propagandas em imagens em movimento.**

O cinema surgiu no final do século XIX, sendo uma manifestação das tecnologias da fotografia e projeção de imagens daquela época. Em muito se diverge a origem do cinema, existem alguns nomes ao qual é relacionada a invenção deste tipo de arte, ou seja, é correto afirmar que não existiu apenas uma descoberta do cinema, e as ferramentas envolvidas na sua invenção não surgiram repentinamente do mesmo lugar. A evolução do cinema foi o resultado de um processo gradual e colaborativo, com contribuições de várias pessoas em diferentes momentos e locais, culminando na criação da sétima arte como a conhecemos atualmente.

Muitas vezes, encontramos alguma informação onde os irmãos Lumière são creditados com a invenção do cinematógrafo em 1895 na França, porém ainda é possível citar nomes como Thomas A. Edison, que também estava inserido nas pesquisas e descobertas tecnológicas que resultaram no cinema. Contudo as suas invenções, como o quinetógrafo e o quinetoscópio, já prontos para serem patenteados a partir de 1891, auxiliaram a dar o primeiro passo para aquilo que viria ser o cinema, porém a exibição pública de filmes foi uma inovação que ocorreu antes de uma execução bem sucedida de suas invenções

As primeiras exibições de filmes com uso de um mecanismo intermitente aconteceram entre 1893, quando Thomas A. Edison registrou nos EUA a patente de seu quinetoscópio, e 28 de dezembro de 1895, quando os irmãos Louis e Auguste Lumière realizaram em Paris a famosa demonstração, pública e paga, de seu cinematógrafo (COSTA, 2015, p. 18).

Entretanto, mesmo possuindo a maior parte do reconhecimento relacionado a essa nova invenção para a época, sabe-se que Auguste e Louis Lumière também não foram os primeiros a realizar uma demonstração do que seria um dispositivo capaz de mostrar imagens em

movimento. Antes da apresentação da tecnologia cinematográfica dos Lumière, Max e Emil Skladanowsky, dois irmãos alemães, após desenvolverem o Bioscópico (Bioskop) - um primitivo projetor que utilizavam para exibir os primeiros filmes com figuras em movimento - realizaram em Berlim, em novembro de 1895, uma exibição de 15 minutos para demonstrar seu dispositivo (COSTA, 2015, p. 19-20).

Todavia, com um bom marketing e um bom desempenho de suas tecnologias, os irmãos Lumière venderam e distribuíram sua mercadoria para além de Paris, o que gerou a sua fama de pioneiros do cinema, mesmo que eles não ocupem essa posição corretamente.

Desse modo, após suas primeiras exposições públicas, fica marcada a fundação do cinema moderno e da produção cinematográfica comercial, que em um futuro não tão distante, se tornaria um meio para divulgar e criar propagandas políticas para os governos europeus da primeira metade do século XX, sendo utilizado para influenciar opiniões e transmitir mensagens culturais e ideológicas

Quatro décadas depois da invenção do cinematógrafo pelos irmãos Lumière, a linguagem do cinema já se encontra bem mais desenvolvida, e Charles Chaplin está no auge da sua produção. *Tempos modernos* (Modern Times, 1936), seu último filme mudo e um dos mais conhecidos pelo grande público, é considerado um marco na história do cinema (JAYO, 2008, p. 56).

- **Rádio, o grande amigo do homem (e seus governantes)**

O rádio começou a ser desenvolvido ao final do século XIX e início do século XX, com os avanços da telegrafia e das tecnologias de ondas de rádio. A criação do rádio resultou na primeira tecnologia com capacidade de transmitir mensagens em tempo real para grandes audiências, o que transformou de forma radical o modo como as pessoas consumiam as informações que lhes eram disponíveis, transformando-se assim em um dos principais meios de receber e compartilhar informações durante a primeira metade do século XX.

No entanto, tal como a invenção do cinema, a invenção do rádio não pode ser atribuída a uma única pessoa, mas sim a vários inventores que contribuíram para a evolução desta tecnologia. No Brasil, a invenção do rádio é creditada a Roberto Landell de Moura (ou Padre Landell de Moura), de acordo com Fornari (1984, p. 34-35), as primeiras experiências bem-sucedidas de Landell em relação às suas transmissões de telegrafia sem fio, ocorreram entre os anos de 1893 e 1894. Desse modo, Landell teria lançado o rádio um ano antes de Guglielmo Marconi, conhecido como um dos principais pioneiros da criação do rádio.

Da Paixão Ferreira (2013) traz em seu texto alguns outros nomes que estão conectados a este momento histórico:

No mesmo período, o austríaco, naturalizado norte-americano, Nikola Tesla também realizava seus estudos e os patenteou. Em 1943, a Suprema Corte Norte - americana considerou-o inventor do rádio. Já no Canadá, Reginald Aubrey Fessenden é reconhecido como o precursor do rádio e o primeiro a transmitir o som da voz humana sem fios (DA PAIXÃO FERREIRA, 2013, p. 4).

À vista disso é correto afirmar que o rádio como conhecemos nos dias atuais, é o resultado de anos de pesquisas compartilhadas, de certo modo, entre alguns inventores e cientistas de diferentes regiões. E assim como a imprensa e o cinema, foi um importante método de divulgação de ideologias e propagandas políticas no início do século XX.

- **Meios de comunicação e sua importância na política.**

A imprensa, o cinema e o rádio desempenharam um papel crucial no desenvolvimento e na disseminação da propaganda política ao longo da história, sendo utilizados como ferramentas de controle, manipulação e mobilização por governos e grupos políticos. A partir dessas inovações tecnológicas, tornou-se possível não apenas a ampla circulação de ideias e informações, mas também o uso estratégico desses meios para influenciar a opinião pública em larga escala.

A imprensa, especialmente durante o século XIX, desempenhou um papel central na difusão de ideias políticas, frequentemente aliada a movimentos revolucionários e partidos políticos. Jornais, panfletos e manifestos foram amplamente utilizados para defender agendas ideológicas e criticar opositores. Em muitos países, os periódicos tornaram-se veículos de propaganda partidária, moldando o debate público e consolidando ideologias políticas. Além disso, a imprensa foi frequentemente manipulada para distorcer eventos e promover interesses específicos, governos de regimes totalitários do século XX, utilizaram jornais controlados pelo Estado para criar narrativas que justificassem políticas internas e externas, como a deflagração de guerras. Segundo Berenson e Giloi (2022), os regimes totalitários do século XX, como o nazismo e o fascismo, fizeram uso intensivo da imprensa para consolidar sua influência e legitimar suas ações políticas.

O cinema também se destacou como um instrumento poderoso de propaganda política. Um dos exemplos mais infames do uso do cinema para essa finalidade, partiu de regimes totalitários, como a produção do filme “O Triunfo da Vontade” (1935), dirigido por Leni

Riefenstahl (1902-2003), que exaltava o regime nazista e suas políticas. A obra cinematográfica utilizava técnicas avançadas de filmagem para glorificar a ideologia e o poder da Alemanha nazista. Esse tipo de propaganda também foi utilizado por outras nações, como os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, onde a colaboração entre o governo e a indústria cinematográfica resultou na produção de filmes que buscavam gerar apoio à guerra. Esses filmes desempenharam um papel significativo na formação da opinião pública favorável à entrada dos EUA no conflito europeu.

O rádio, por sua vez, emergiu como uma ferramenta de propaganda política essencial, particularmente a partir da década de 1930. Governos e movimentos políticos rapidamente reconheceram o impacto dessa tecnologia na disseminação de suas ideologias, dada sua capacidade de alcançar grandes públicos simultaneamente. Em muitos países, governantes utilizaram o rádio para transmitir mensagens patrióticas e discursos políticos diretamente às populações, consolidando narrativas favoráveis aos seus regimes. Além disso, a programação radiofônica muitas vezes veiculava mensagens políticas de forma indireta, utilizando entretenimento para moldar a opinião pública de maneira sutil.

Dessa forma, a imprensa, o cinema e o rádio foram fundamentais para a evolução da propaganda política durante o século XX. Esses meios de comunicação permitiram que regimes, movimentos políticos e partidos alcançassem grandes audiências de forma eficaz, influenciando as percepções e atitudes das populações em relação às questões políticas e sociais. A utilização dessas tecnologias como instrumentos de controle e manipulação demonstra o poder dos meios de comunicação de massa na formação do comportamento político das massas (JOWETT; O'DONNELL, 2012, p. 363-365).

3 PROPAGANDA POLÍTICA E A ALEMANHA NAZISTA

3.1 ALEMANHA PÓS PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

3.1.1 Fim da Primeira Guerra Mundial

O fim da Primeira Guerra Mundial deu início a uma mudança significativa na vida política, econômica e social do mundo no tempo contemporâneo. A guerra se estendeu de 28 de julho de 1914 até 11 de novembro de 1918, quando ocorreu a assinatura do Armistício de Compiègne – um acordo entre a Alemanha e os países das forças aliadas (França, Reino Unido, Itália, Rússia e Estados Unidos) para pôr um fim definitivo nas hostilidades causadas durante a guerra. Entretanto, as consequências resultantes deste fim geraram o início do que viria a ser um dos piores conflitos da humanidade, e certamente o mais tenebroso do século XX.

3.1.2 Conferência da Paz de Paris e Tratado de Versalhes: suas consequências em território alemão

Após o fim da Primeira Guerra, em 18 de janeiro de 1919, reuniram-se em Paris os líderes e representantes dos principais países vitoriosos no conflito, tais como Woodrow Wilson (EUA), David Lloyd George (Reino Unido), Georges Clemenceau (França) e Vittorio Orlando (Itália). A Conferência de Paz de Paris foi uma assembleia política como nenhuma já testemunhada, pois todos possuíam algum tipo de rancor contra os países derrotados, em especial a Alemanha.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha se tornou um país deficitário. Passou de exportadora a importadora de capital, a fim de equilibrar sua balança comercial. Apesar de a economia alemã estar completamente arrasada após o fim do conflito, os países vencedores, principalmente a França (movida pelo espírito de vingança referente à Guerra Franco-Prussiana), impuseram um Tratado de Paz que piorou a situação alemã, impondo-lhe a perda de territórios, o pagamento de uma

indenização que nenhuma nação derrotada poderia arcar, redução do exército profissional para 100 mil homens e suspensão de toda a produção bélica (SBROCCO, 2011, p. 19).

Em 28 de junho de 1919, o Tratado de Versalhes foi oficialmente assinado por todas as partes envolvidas. Durante seus seis meses de duração, as cláusulas do acordo focavam em não somente punir a Alemanha, mas também garantir que um conflito como aquele não se repetiria e assombrasse novamente o território europeu. Entretanto, essas cláusulas foram consideradas por muitos como rigorosas, pois despertaram diversos impactos econômicos, militares e territoriais à Alemanha e sua população.

O tratado foi constituído por 440 artigos e 15 partes ao todo. Entre elas estavam: Cláusulas Territoriais; Cláusulas de Segurança (militares); Cláusulas Financeiras e Econômicas.

Para as Cláusulas Territoriais o objetivo foi diminuir o poder de expansão Alemão e redistribuir seus territórios entre outros países europeus. Assim, a Alemanha viu-se obrigada a devolver a Alsácia-Lorena à França; Malmédy e Eupen à Bélgica; ceder partes da Prússia Ocidental e Pomerânia à recém-formada Polónia, proporcionando acesso ao mar através do "Corredor Polonês"; a região de Sarre ficou sob tutela das Ligas das Nações; e por fim, o país perdeu suas colônias do Pacífico e da África, que foram redistribuídas entre potências como Inglaterra e França.

As Cláusulas de Segurança foram responsáveis por impor limites rigorosos ao poderio militar alemão, como garantia de que o país não armaria seu exército facilmente. Para isso, foi decidido que a Alemanha não poderia possuir mais do que 100 mil soldados; não deveria realizar alistamentos militares obrigatórios; foi proibido a restituição de grande parte de suas forças aéreas e navais e sua produção de armas, tanques e equipamentos militares pesados (como seus submarinos) foi banida.

Nos artigos referentes às Cláusulas Econômicas, o tratado estabeleceu elevadas reparações financeiras por parte da Alemanha, conhecidas como "reparações de guerra". Essas reparações financeiras resultaram um grande impacto negativo na economia alemã durante a década de 1920. Em seu Artigo 231, conhecido como a "cláusula da culpa de guerra", determinou-se que o país foi o principal responsável pelo conflito, algo que não agradou a população. Por fim,

os alemães deveriam entregar locomotivas, parte da sua marinha mercante, um oitavo de suas cabeças de gado, maquinários, materiais de construção, produtos químicos e ceder à França a região do Sarre, podendo os franceses explorar as jazidas carboníferas ali existentes por quinze anos. Ficou obrigada, ainda, a fornecer, por dez anos, toneladas de carvão à França, Bélgica e Itália (PORTO; SILVA, 2019, p. 5).

As cláusulas do Tratado de Versalhes, criaram um ambiente de instabilidade e ressentimento na Alemanha e na Europa. As consequências financeiras provenientes deste acordo influenciaram diretamente na crise econômica que se instalou no território alemão após 1919.

3.1.3 Instauração da República de Weimar e crise econômica na Alemanha.

Entre as mudanças implementadas na Alemanha ao término da Primeira Guerra Mundial, a mais significativa foi a queda do Kaiser Guilherme II (1888-1919), que resultou em uma reconfiguração profunda da estrutura governamental do país. Esse evento marcou o colapso da monarquia e a instauração da República de Weimar (1919-1933). Nesta nova configuração, a Alemanha passou a ter o Parlamento como poder legislativo, enquanto o presidente era escolhido por meio de sufrágio universal. Contudo, o artigo 48 da Constituição de Weimar conferia ao presidente a autoridade para dissolver o parlamento e nomear um chanceler, caso julgasse necessário – algo que viria a ser usado futuramente (SBROCCO, 2011, p. 8-9).

Entretanto, este período ficou marcado pela grande instabilidade econômica, política e social dentro do país. Aos olhos da população, a culpa pela decadência alemã ao início da década de 1920, caía sobre a república e seus representantes. Nas palavras de Sbrocco (2011, p. 9), “A República de Weimar, desde seu início, foi malquista pelo povo alemão. A proclamação da República não foi considerada uma vitória, e, sim, chamada de “filha da derrota”. Nasceu sem carisma, fadada ao fracasso.” O estado econômico em que estava o país, preocupava a todos. Ao fim da guerra a Alemanha, com a intenção de normalizar seu fluxo comercial, deixou de ser exportadora para importadora de capital estrangeiro; os territórios que lhes proporcionavam diferentes recursos naturais não estavam sob o seu domínio, o que resultou em um déficit de produção, e consequente um declínio financeiro.

Além disso, a dívida de guerra a ser cobrada ao Estado alemão foi estipulada em um valor exorbitante, era questão de tempo até seu rompimento total. De acordo com Keynes (2002), em abril de 1921, a Comissão de Reparação – criada para obter uma decisão definitiva em relação ao valor que seria cobrado a Alemanha –, chegou à conclusão que as reparações financeiras por parte do país alemão seriam de 132 bilhões de marcos.

A Alemanha transferiu 8 bilhões de marcos ouro (£400 milhões) até maio de 1921, equivalentes a 20% da renda nacional alemã em 1921, mas muito abaixo do valor de £1 bilhão de pagamentos interinos estabelecidos na conferência de Versalhes. Negociações em Londres resultaram na fixação de reparações de 132 bilhões de marcos (£6,4 bilhões), divididas em duas tranches, sendo que o serviço da primeira (de 50 bilhões) seria iniciado imediatamente enquanto uma definição sobre a segunda tranche era adiada até que se esclarecesse a capacidade de pagamento alemã (KEYNES; PAIVA, 2002, p. 24).

Todavia, após discussões sobre o quão alto era esse valor para uma nação como a Alemanha, no dia 5 de maio, durante o evento conhecido como o Ultimato de Londres, os países aliados (com exceção da França) realizaram a flexibilização destes pagamentos, assim diminuindo o montante da dívida que seria reduzido consideravelmente.

[...] tomando os 132 bilhões marcos-ouro apenas um cálculo burocrático. No novo acordo, ficou estabelecido que a dívida alemã seria reduzida para 50 bilhões de marcos-ouro (já incluindo os 12 bilhões não pagos dos primeiros 20 bilhões), a ser paga com base em um complexo cronograma de depósito de dinheiro e entrega de mercadorias, como o carvão, com vistas a pagar os juros e amortizações desses 50 bilhões de marcos-ouro MARKS (apud SARTÓRIO; COLOMBO; FAVORATO, 2003, p. 19)

Nos anos seguintes, a Alemanha enfrentou um dos maiores casos de hiperinflação do século XX. À vista disto, o governo, pressionado pela dívida externa, iniciou a emissão de grandes quantidades de moeda para saldar suas reparações financeiras. Esta política foi uma das responsáveis para a hiperinflação de 1923, pois gerou a desvalorização da moeda alemã. Deste modo, em poucos meses, o valor do marco praticamente desapareceu, a população viu suas economias sumirem, e o valor de seu custo de vida se tornando insustentável. Milhares de pessoas perderam suas propriedades e empregos durante este período.

Contudo, em 15 de novembro de 1923, o governo alemão implementou uma reforma monetária com a introdução do *Rentenmark*, medida que obteve grandes resultados positivos e foi considerada por muitos como um "milagre" para a economia alemã. Sua implantação foi possível graças ao controle das emissões e às reformas fiscais que ajudaram a equilibrar o déficit público. Em 20 de novembro de 1923 ocorreu a estabilização monetária com o congelamento da taxa de câmbio, estabelecendo a paridade de 1 *Rentenmark* para 1 trilhão de marcos, enquanto 1 dólar equivalia a 4,2 trilhões de marcos, fixando o *Rentenmark* em 4,2 dólares. Essa medida foi decisiva para conter e decretar o fim da hiperinflação. No entanto, o *Rentenmark* foi uma moeda temporária, e em 30 de agosto de 1924, foi aprovada a lei que estabeleceu o *Reichsmark* como a moeda oficial, a partir de 11 de outubro daquele ano (SBROCCO, 2011, p.

39-40), assim dando fim ao período conhecido como “Era da Inflação” (1920-1924). Em seu livro lançado anos após este período, Schacht (1999), descreve perfeitamente o estado em que se encontrava a Alemanha naquele tempo:

‘Era da inflação’ é, para todos os que ainda se lembram: bloqueio da entrada de alimentos no país, entrega de bens a potências estrangeiras, inexistência de direitos políticos, revolução social, enriquecimento repentino de figuras obscuras. Perda substancial das classes até então abastadas, empobrecimento da pequena, média e alta burguesias. Corrupção entre políticos e funcionários públicos, negociações políticas entre os partidos, as Forças Armadas e os ministérios. Mortalidade infantil crescente, criminalidade crescente, jovens deformados por causa do raquitismo, morte prematura dos idosos. Tudo isso e muito mais está contido nas palavras ‘era da inflação’ (Schacht, 1999, p. 219).

3.1.4 Reestruturação econômica (1924-1929).

Após a crise da hiperinflação em 1923, a economia alemã carecia de um projeto que oferecesse uma estabilidade concreta do *Reichsmark*, e para Schacht essa estabilidade só aconteceria com novos acordos relacionados às reparações de guerra. Deste modo, entre os anos de 1924 e 1929, foram realizadas duas conferências com a mesma finalidade: recuperar de forma duradoura a economia na Alemanha. Estas conferências resultaram em duas propostas econômicas destinadas a ajudar o país, sendo elas o “Plano Dawes” (1924) e “Plano Young” (1929).

Em janeiro de 1924 foi realizada a Conferência Dawes, gerenciada pelo banqueiro americano Charles Dawes. A partir do Plano Dawes, o novo plano de reparações para a Alemanha foi adaptado para considerar a situação financeira em que se encontrava o país, definindo novos pagamentos anuais fixos (e crescentes) por 5 anos. Como também, o país alemão obteve um empréstimo inicial de 800 milhões de marcos-ouro, financiado majoritariamente por bancos americanos, que ajudou a estabilizar sua economia, fortalecer sua indústria e controlar a inflação. Por fim, o plano teve como um dos principais pontos a necessidade de ser desenvolvido um comitê internacional, responsável por supervisionar estes pagamentos e o banco alemão - *Reichsbank*.

Entretanto, este novo plano em seus anos de funcionamento, não funcionou exatamente como o esperado. Parker Gilbert, intitulado como agente das reparações, observou que os pagamentos não estavam sendo efetivamente realizados, pois a Alemanha utilizava o dinheiro

dos empréstimos, financiados por instituições estrangeiras, para quitar suas dívidas, em vez de usar os excedentes da balança comercial. Em resposta a essa situação, uma nova conferência foi solicitada ao fim de 1928 e, ocorreu em fevereiro de 1929 em Paris. (COUTO; HACKL, 2007, p. 326)

Em 1929, o Comitê de Reparações de Paris, aprovou o Plano Young, proposto por Owen Young. Este plano, assim como o anterior, tinha como objetivo principal encontrar um meio por onde a Alemanha conseguisse pagar suas dívidas de guerra sem quebrar sua economia interna. Este novo plano reduziu o valor total a ser pago para as nações aliadas: de 132 bilhões de marcos-ouro, a Alemanha iria pagar 112 bilhões de marcos-ouro, aumentando seu prazo de pagamento até 1988. O plano também permitiu o uso de moeda estrangeira para abater este valor, deste modo não afetando o crescimento da economia alemã.

Assinado no dia 7 de julho de 1929, o Plano Young reduziu as reparações em média a 1,5 bilhão de marcos-ouro por ano, os controladores estrangeiros saíram da Alemanha, os bens sob administração externa foram liberados e ficou aprovada a criação de um banco de compensações de pagamentos. Não obstante, o grande fator negativo era o valor estipulado para as reparações: 121 bilhões de reichsmark (US\$ 26,4 bilhões), a serem pagos em 58 anos (Schacht, 1999 apud COUTO; HACKL, 2007, p. 328).

Todavia, ainda no ano de 1929, viria a ocorrer outro episódio que afetaria a situação financeira da Alemanha e de outros países em escala mundial. Em 24 de outubro de 1929, o “Crash” da Bolsa de Valores de Nova York deu início ao período da Grande Depressão. Consequentemente, uma nova crise econômica mundial resultou na ineficácia do Plano Young em território alemão. Este fato gerou em 1932 a Conferência de Lausanne, onde foi decidido pelo cancelamento definitivo das reparações financeiras de guerra.

3.2 Os caminhos até Hitler: a insatisfação da população alemã após a Primeira Guerra Mundial.

É correto afirmar que a Alemanha pós Primeira Guerra Mundial nunca mais seria a mesma. Sua derrota na guerra e todas as consequências posteriores a este fato, garantiram isto. Um dos maiores problemas enfrentados pela República de Weimar foi a desaprovação constante da população com esta nova forma de governo. Infelizmente, a primeira república alemã surgiu em um momento de grande instabilidade econômica, social e política. Ali crescia um sentimento

de humilhação entre a população, a todo instante os valores da sociedade alemã eram questionados, o país continuava sendo tão majestoso para seu povo?

A insatisfação instigou críticas severas ao novo sistema político. Para uma grande parte do povo alemão, este era um sistema que se mostrou enfraquecido ao lidar com as crises que assombravam seu país, desde a assinatura do tratado de paz. O Tratado de Versalhes impôs condições severas à Alemanha, gerando um profundo sentimento de humilhação e revolta entre os cidadãos. A incapacidade inicial do governo alemão em lidar com as crises econômicas, a escassez de bens e o aumento expressivo do desemprego intensificaram o ressentimento, e estes momentos de desespero e frustração, somados à percepção de que as reparações econômicas do tratado eram um insulto à soberania nacional alemã, embora algumas políticas econômicas (como os Planos Dawes e Plano Young), tenham resultado em uma estabilização temporária para a crise financeira, a persistente insatisfação e a vulnerabilidade a crises externas mantiveram o clima de descontentamento social, o que fomentou o apoio a lideranças extremistas.

Portanto, o crescimento de movimentos extremistas, especialmente do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), liderado por Adolf Hitler, foi possível pela propaganda de falsas promessas de reverter as humilhações sofridas e restaurar a grandeza econômica, social e política da Alemanha. Assim, a exploração desse descontentamento popular se tornou um pilar central para a ascensão do nazismo ao poder.

A ideologia nazista já era uma realidade na Alemanha. É comum em tempos de crise as pessoas se apegarem a algum tipo de radicalismo, que lhes ofereça um futuro promissor. Era exatamente isso que o Partido Nazista fazia. Com discursos calorosos, vibrantes e repletos de radicalismo, sem contar com uma propaganda partidária bastante persuasiva, Hitler e os altos comandantes do partido conseguiram fazer do povo o seu maior aliado. A população alemã, acostumada com um fervor nacionalista exacerbado e que, durante a República, se encontrava acuada, pôde, através do sistema de idéias nazista voltar a acreditar em uma Alemanha forte e próspera (SBROCCO, 2007, p. 49).

3.2.1 Propaganda política: o crescimento da figura de Adolf Hitler

Em 5 de janeiro 1919, logo após o fim da Primeira Guerra Mundial, surgiu na Alemanha um novo partido político: O D.A.P (Deutsche Arbeiterpartei), ou também conhecido como Partido dos Trabalhadores Alemães. Fundado pelo alemão Anton Drexler em Munique, o

partido fazia parte de um seleto grupo de pequenos partidos nacionalistas que foram criados durante este período.

Este partido, não tão importante em sua criação, cativou a atenção de quem viria a ser seu líder em um futuro não distante: Adolf Hitler. Em seu livro *Minha luta*, Hitler descreve a sua primeira interação com o partido

Um dia recebi ordem da autoridade superior para ir verificar o que se passava num grêmio aparentemente político, cujo nome era "Partido Trabalhista Alemão". O dito grêmio pretendia realizar uma reunião por aqueles dias, em que deveria falar Gottfried Feder. A missão de que fui incumbido era ir até lá verificar o que se passava e, em seguida, apresentar um relatório (HITLER, 2020, p. 96).

Hitler descreve em seu texto que a sua intenção era apenas assistir a palestra de seu antigo professor, Gottfried Feder, porém os debates posteriores lhe chamaram a atenção, tendo ele também participando fervorosamente das discussões que procederam. Seu discurso durante este debate lhe rendeu um convite para tornar-se sócio do partido, entretanto, ao participar de um encontro mais intimista com os principais nomes dentro do partido, incluindo o próprio presidente Anton Dextler, Hitler expõe sua opinião sobre o modo como aquelas pessoas estavam lidando com a política alemã

[...] Pondo de parte algumas diretrizes nada mais havia, nem um programa, nem um panfleto, enfim nada impresso, nem cartões de sócio nem mesmo um simples carimbo. Havia sim visíveis boa fé e boa vontade. [...] O que levava esses jovens a se reunirem de uma maneira aparentemente tão ridícula nada mais era do que o eco de vozes interiores, que, mais por instinto do que conscientemente, lhe fazia crer na impossibilidade do reerguimento da Nação alemã bem como da sua convalescença de males interiores por meio de partidos como o caráter dos até então existentes. Li por alto as diretrizes datilografadas que havia e vi nelas mais uma ânsia por alguma coisa nova do que uma realidade. Muita coisa faltava, porém nada havia feito. Em tudo se sentia, porém, o sinal de uma aspiração de todos (Hitler, 2020, p. 98).

Dias após receber formalmente seu convite, Hitler toma a sua decisão, que infelizmente viria a afetar a vida de milhões de pessoas em escala mundial. Ele declara: “Aceitei a minha inclusão como sócio do Partido Trabalhista Alemão e recebi um cartão provisório de sócio, com o número sete” (Hitler, 2020, p. 99).

A partir disto, Adolf Hitler, rapidamente se torna uma figura de extrema importância dentro do partido, em menos de oito meses como sócio ele era considerado indispensável. Sua oratória, talvez sua maior arma, resultou em cada vez mais encontros abertos, onde seus discursos sobre suas ideologias e os objetivos do partido geraram uma notoriedade na cidade de Munique, e posteriormente ao redor do país. Em 1920, o nome do partido, oficialmente

passou a ser N.S.D.A.P. (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei) - o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou como é mais conhecido, Partido Nazista.

Entretanto, esta não foi a única modificação, em 24 de fevereiro de 1920 foi anunciado o programa oficial do N.S.D.A.P, o Programa Nacional Socialista, também conhecido como Programa ou Plano dos 25 pontos. Neste documento, estava incluso a demanda pela “união de todos os alemães em uma Grande Alemanha”; a revogação dos Tratados de Versalhes e a prevenção da imigração de estrangeiros. Como esperado, o Programa também deixa claro alguns pontos sobre os judeus: estes não deveriam ter seus direitos civis e serem registrados como estrangeiros e não alemães, além de serem proibidos de possuir ou escrever para jornais alemães. O Programa foi concluído com a demanda para a criação de um forte poder estatal central para o Reich (EVANS, 2005, p. 226).

3.2.2 Uma nova (e perigosa) liderança do N.S.D.A.P

Hitler possuía uma grande influência dentro do partido, todavia, a posição de líder do movimento nazista não lhe foi dada tão rapidamente. Foi necessário uma pequena série de eventos e uma saída do partido, para lhe ser oferecido o cargo maior, o de presidente absoluto.

Anton Drexler, o então presidente naquele momento, tinha grandes ambições para o partido, especialmente pelo aumento da influência e tamanho do movimento na Alemanha. Esta ambição o levou a tentar mediar uma fusão do partido nazi com outros partidos de extrema-direita. De acordo com Evans (2005), aconteceram no mínimo duas tentativas de fusão, e Hitler estava insatisfeito em ambas ocasiões. As primeiras negociações foram com o DSP ou Partido Socialista Alemão (Deutschsozialistische Partei), que possuía valores e ideologias semelhantes ao NSDAP, e o mais importante, com uma fusão entre os dois partidos, existiria uma maior influência do movimento nazista ao norte da Alemanha. Entretanto, essa aliança não foi concluída, pois Adolf Hitler ameaçou renunciar a seu cargo, caso as negociações prosseguissem.

Não satisfeito, Drexler buscou no mesmo ano um pequeno partido de direita, liderado por Otto Dickel. Desta vez, Hitler não conseguiu evitar as negociações para ser criada uma coligação dos partidos. Ele rejeitou veementemente o plano de fusão e logo após anunciou seu desligamento com o partido nazista. Contudo, Hitler era uma peça-chave, o que afetava diretamente o crescimento do partido. Deste modo, Drexler se viu sem alternativas,

abandonando assim os planos de fusão entre partidos de direita alemães, e cedendo às exigências de Hitler para que ele retornasse ao seu posto. Assim, em uma reunião geral em 29 de julho de 1921, Hitler foi nomeado presidente do NSDAP, possuindo “poderes ditatoriais” (EVANS, 2005)

Ao garantir o controle total sobre o partido nazista, Hitler também garantiu novos meios incondicionais para iniciar sua campanha de propaganda, que incluía sua profunda repulsa por judeus, e sua lúdica visão de país unificado (mesmo que pelo uso de extrema violência) pelo mesmo propósito: uma grande, e poderosa, nação alemã.

3.2.3 Hitler e a campanha política do Partido Nazista entre 1925 e 1933.

Em 1925, Adolf Hitler publicou a sua obra intitulada *Mein Kampf* (Minha Luta), descrevendo suas ideologias e aspirações para o futuro do país, que teria ele e seu partido como guias da população no caminho para a Grande Alemanha. Neste livro, Hitler dedica dois capítulos somente à propaganda política, nomeados “Propaganda de Guerra” e “Propaganda e Organização”.

Em ambos capítulos, Hitler discorre sobre a importância do uso da propaganda para atingir as massas, principalmente em momentos de conflitos – como a Grande Guerra. Ele critica o modo como a Alemanha administrou seus métodos de propaganda durante aqueles anos, porém apresenta o seu aprendizado ao observar as campanhas de guerra dos países aliados. De acordo com Hitler, a propaganda no século XX tornou-se indispensável para governar, era uma ferramenta necessária para obter o apoio da população comum. Para ele, uma propaganda política bem executada resultaria na capacidade de influenciar e controlar a opinião pública, algo que para partidos como o NSDAP, era essencial.

3.2.4 Os caminhos para o poder: a construção da imagem de Hitler como Salvador da Alemanha

Após a tentativa fracassada de um golpe e sua prisão, Hitler compreendeu que para derrubar o sistema republicano instaurado na Alemanha, seria necessário mais do que a violência. O caminho ideal para momentos como aquele era o da “legalidade” política (EVANS, 2005). Em primeiro lugar, o partido deveria utilizar da arma mais poderosa disponível: a propaganda. Era indispensável que as ideologias nazistas estivessem presentes nas casas de cada cidadão alemão. Em segundo lugar, ao conseguir a aprovação e apoio de uma parte significativa da população, este apoio refletiria nas eleições, colocando assim cada vez mais políticos nazistas no governo alemão. Em terceiro lugar, ao obter cargos políticos satisfatórios e os apoios necessários, seria possível desmontar o governo atual pelo lado de dentro.

Hitler, nos anos seguintes ao seu desencarceramento, procurou reconstruir a sua imagem e a imagem do NSDAP dentro da Alemanha para expandir a sua influência e importância, utilizando a propaganda de forma metódica e calculada para explorar a insatisfação pública com o sistema republicano, a transformando em apoio político. Diferentes comícios, reuniões e discursos em locais públicos eram organizados sucessivamente, com a intenção de fortalecer a relevância do partido e da figura de Hitler como o futuro líder da nação.

Os discursos proferidos nestes eventos apresentavam uma linha de raciocínio simples de seguir: os oradores (sendo um deles Hitler) aproveitavam do cenário instável instaurado na Alemanha, marcado por um ressentimento contra o Tratado de Versalhes que ainda era presente, as altas taxas de desemprego, as crises econômicas e a insatisfação com o governo, para propagar as ideologias nazistas entre diferentes camadas da sociedade alemã. Hitler deve uma parte significativa de sua campanha política a sua oratória: é inegável a força que seus discursos possuíam, eram capazes de mobilizar a população em grandes eventos meticulosamente organizados, suas falas carregadas de simbolismo, emoção e apelos à sociedade alemã, criavam um sentimento de grande entusiasmo, auxiliando na adesão de suas ideologias.

A força propagandística de Hitler teria chances imensas junto ao povo alemão, caso não se conseguisse superar a crise econômica e afastar as massas do radicalismo. Ele era possuído pelo que dizia, um autêntico fanático com o mais intenso efeito sobre os ouvintes, um agitador nato, apesar de sua voz às vezes rouca e não raramente esganiçada SCHACHT (1999, p. 346 apud COUTO e HACKL, 2007, p. 331).

Portanto, é correto afirmar que os anos de crises econômicas e sociais, abriram uma lacuna na política alemã, permitindo que partidos extremistas e nacionalistas, em específico o partido nazista, aproveitassem dos momentos de instabilidade para criar narrativas radicalistas, e para a aflição daqueles que governavam o país na década de 1920, Adolf Hitler e a NSDAP tornaram-se experts em moldar opiniões públicas.

Para controlar estas opiniões, o partido utilizou estrategicamente os meios de comunicação. A compra do jornal “Observador Nacional” (*Völkischer Beobachter*) em 1920, e posteriormente a aquisição de outros periódicos, permitiu a disseminação dos ideais nazistas sem censura por todo território alemão.

Esse jornal que Hitler havia comprado para seu partido em 1920, anunciava assembleias e dava outras notícias aos membros ... e estendeu o alcance do Partido para além das fronteiras das cervejarias e das assembleias do Partido. A circulação cresceu paralelamente ao sucesso do movimento nazista, iniciando com uma tiragem de 120.000 exemplares em 1931 e chegando a 1.7 milhões em 1944. Editado pelo redator anti-semita e ideólogo nazista Alfred Rosenberg, o jornal era especializado em hipóteses curtas sobre os temas favoritos dos nazistas: a humilhação sofrida pela Alemanha quando da assinatura do Tratado de Versalhes, a fraqueza do parlamentarismo na República de Weimar, e a crueldade do mundo judaico e do bolchevismo – contrastando estes temas com slogans patrióticos nazistas (United States Holocaust Memorial Museum).

O partido não manteve sua propaganda apenas nos jornais ou discursos, foi necessária a inclusão de diferentes formatos de propagandas, como os cartazes ou panfletos, que mais tarde viriam a ser usados como exemplo para propagandas políticas. Todavia, segundo De Almeida, L. (2021, p. 48), de nada adiantava a propaganda se ela não fosse entendida por todas as camadas da sociedade alemã. A propaganda nazista era conhecida por sua simplicidade e repetição, para facilitar a compreensão de todos. O propósito destas propagandas era satisfazer os anseios das massas para obter apoio, utilizando-se - caso fosse necessário -, de mentiras e calúnias como forma de atingir os objetivos desejados. Além disso, o uso do simbolismo e da mitologia era consistente, promovendo uma devoção extrema a uma imagem heroica de Adolf Hitler. “A comunicação na propaganda deverá ser facilmente perceptível à pessoa ou grupo de pessoas com menos capacidades cognitivas de modo a que seja facilmente compreensível e para que não seja alvo de pontos de vista diferentes ou concepções intelectuais demasiado elevadas” (GOUVEIA, 2022, p. 25)

Por fim, outro aspecto importante da propaganda nazista até a ascensão do partido, foi a elaboração de uma narrativa alternativa da história do país, apresentando o povo alemão como racialmente puro, herdeiro de uma Alemanha majestosa, mas traída por inimigos tanto internos

quanto externos. Estes inimigos eram os judeus, os comunistas, e para aquele período, os políticos da República de Weimar. Estes grupos eram apontados pelos nazistas e seus adeptos, como os responsáveis pela decadência da Alemanha, ou seja, eles (em especial os judeus) se tornaram o inimigo em comum da sociedade alemã. Esta visão auxiliou no aumento do ódio, e consequentemente contribuiu com as narrativas nacionais-socialistas. Ademais, a propaganda não apenas consolidou um culto à personalidade em torno de Hitler, mas também o retratou como um verdadeiro *Führer*, um líder carismático e messiânico, o que, por sua vez, facilitou a aceitação de medidas autoritárias e a centralização do poder após sua indicação como Chanceler alemão, em 1933.

Sobre o que levou Hitler a assumir o poder, escreveu Victor Schiff (líder do partido social democrata), em junho de 1934: “Se existe um ponto sobre o qual não existem divergências de opinião entre nós, e não poderá existir, então é certamente que Hitler deve sua ascensão e finalmente sua vitória essencialmente à crise econômica mundial: ao desespero dos proletários desempregados, da juventude universitária sem futuro, dos comerciantes e artesões de classe média indo à falência e dos agricultores seriamente ameaçados pela queda dos preços. Neste sentido, todos nós fracassamos realmente. Com certeza atribuímos, com razão, a responsabilidade da crise à ordem econômica capitalista, mas, além disso, não fomos capazes de oferecer às massas mais do que palavrório socialista” Schiff (apud SCHACHT, 1999, p. 363).

3.3 NAZISMO E SUAS FERRAMENTAS: A PROPAGANDA NAZISTA DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A forte propaganda eleitoral do partido nazista gerou resultados satisfatórios para Hitler. O partido teve 13.1 milhões de votos em julho de 1932, passando a ser o maior partido do Reichstag, com 230 deputados. O que influenciou esses resultados, foi a continuidade das crises econômicas e sociais em território alemão, tornando o NSDAP, a partir de seus discursos e planos de governos baseados na insatisfação com a situação do país, o partido a ser procurado por aqueles que compartilhavam desta insatisfação. Entretanto, para as eleições de julho, o partido nacional-socialista conquistou o apoio das classes médias, resultando num aumento significativo do apoio que Hitler e os nazistas recebiam da população alemã.

A agitação desencadeada por Hitler certamente nunca teria bastado para levá-lo ao poder. As eleições para o Landtag da Prússia tinham realmente dado ao Partido Nazi 36,3% dos votos e esmagado a influência preponderante de que desfrutava a coligação entre social-democratas e partidos de centro. Mas a maioria absoluta ainda não fora atingida. Como também não o foi três meses depois, nas eleições para o Reichstag,

que ocorreram no dia 31 de julho. Com suas 230 cadeiras, o partido tinha mais que duplicado seus representantes, e se tornara de longe a bancada mais forte (FEST, 1973, p. 355).

No entanto, embora a eleição de julho tenha dado ao Partido Nazista uma grande vantagem política com relações a outros partidos no Reichstag, ela foi para aqueles no comando do partido uma grande decepção. Para eles, os resultados da eleição demonstraram que, mesmo com bons resultados, o partido não estava avançando (o necessário) para alcançar a presidência do país. No entanto, Hitler imediatamente após o fim das eleições, insistiu que só participaria do governo, do agora presidente Hindenburg, como chanceler do Reich. Em sua concepção, qualquer outro cargo não faria jus a sua imagem quase mística e heroica perante seus seguidores. Entretanto, suas reais intenções partiam do ponto que, em um cargo onde ele não seria subordinado, suas chances de transformar seu governo em um completo domínio ditatorial dentro da Alemanha seriam maiores e menos complicadas politicamente (EVANS, 2005, p. 352-354).

No início de 1932, Hindenburg foi reeleito presidente com o apoio dos social-democratas, que o viam como a melhor opção dentre os candidatos. Entretanto, duas novas eleições ocorreram naquele ano: enquanto as eleições realizadas em julho mostraram um crescimento expressivo do partido nazista, as eleições de novembro – convocadas por Papen, atual chanceler -, mostraram uma decadência do partido, com o NSDAP perdendo mais de 2 milhões de votos e 34 cadeiras no parlamento. Após as eleições, von Papen renunciou seu cargo e foi substituído por Schleicher, em dezembro do mesmo ano. No entanto, seu governo não durou muito. Nos meses seguintes, o apoio militar e industrial direcionada ao NSDAP e a Hitler se intensificou, o que levou Hindenburg e von Papen a considerarem sua nomeação como uma forma de conter a oposição ao governo, e o avanço do partido nazista. Desta forma, em janeiro de 1933, Schleicher é demitido e Hitler é nomeado chanceler do Reich (DE ALMEIDA, Â. 1987, p. 110-115).

Pouco tempo depois, na noite de 26 para 27 de fevereiro, o incêndio causado no edifício do Reichstag forneceu aos nazistas uma oportunidade para consolidar o poder. Com a intenção de fortalecer seus discursos anticomunistas e eliminar a oposição ao seu governo, o partido comunista foi considerado culpado pelo ataque, o que resultou em uma forte repressão, com perseguições e prisões de seus membros. A partir deste incidente, no dia seguinte, em 28 de fevereiro de 1933, o presidente Hindenburg, coagido por Hitler e seus aliados, aciona o Artigo 48 da Constituição de Weimar e assina o Decreto do Incêndio do Reichstag. Este decreto permitiu a suspensão de alguns direitos civis, como a liberdade de expressão, de imprensa e de

reunião; sigilo da correspondência e das comunicações telefônicas; e a proteção contra prisões arbitrárias – ou seja, o governo não precisaria de uma acusação formal para realizar a prisão de seus oponentes políticos ou daqueles que consideravam ser uma ameaça.

Em virtude disso, em março de 1933, uma nova eleição parlamentar foi realizada. Desta vez com uma vantagem significativa por conta do decreto, o NSDAP adquire uma quantidade satisfatória de assentos no Reichstag. Por consequência, sem a oposição dos comunistas² e obtendo a maior parte dos deputados do parlamento e o apoio de outros partidos, apenas os parlamentares social-democratas votaram contra a Lei de Plenos Poderes (Ermächtigungsgesetz), que garantia a soberania dos nazistas na Alemanha. Sobre esta lei que concedeu a Hitler o controle total do Estado. Em seu texto Evans (2005) apresenta a seguinte passagem:

De pé, sob uma enorme faixa com uma suástica, ele apresentou a medida há muito planejada que permitiria ao chanceler do Reich criar leis que se desviassem da constituição sem a aprovação do Reichstag e sem consultar o presidente. [...] O que isso significava, entretanto, era que a Constituição de Weimar seria "letra morta" (dead letter³) e o Reichstag seria totalmente retirado do processo legislativo (EVANS, 2005, p. 416, tradução nossa).

Deste modo, Hitler e seu gabinete passaram a governar por meio de decretos, conforme a lei permitia. E assim como foi feito com o partido comunista, outros partidos considerados oposição ao governo de Hitler foram proibidos, tendo seus principais líderes presos. “Com menos de dois meses no poder, Hitler já reduzira toda a oposição do país a organizações clandestinas” (SBROCCO, 2011, p. 50)

Este poder absoluto de Hitler, aumentou ainda mais em agosto de 1934. Com a morte de Hindenburg, Hitler uniu seu cargo de chanceler e o de presidente, assumindo assim o posto de líder ou Führer do país alemão, consequentemente dando um fim aos tempos de democracia da República de Weimar, e instaurando o seu tão desejado Estado totalitário.

² Por conta da acusação sobre o envolvimento de comunistas com o incêndio do Reichstag, o partido comunista foi considerado proibido na Alemanha.

³ De acordo com o Oxford English Dictionary, “**dead letter**” significa “uma lei, acordo, etc., que não é aplicado ou seguido, mas não foi formalmente revogado ou abolido.”

3.3.1 Joseph Goebbels e criação do Ministério da Propaganda

Hitler, ao assumir o cargo de Chanceler do Reich, estabelece em 13 de março de 1933 o Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda (Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda) ou RMVP, tendo como líder do gabinete seu fiel integrante do partido nazista, Joseph Goebbels. Durante este período, consolidou-se a prática de *Gleichschaltung*, termo utilizado para descrever a estratégia nazista de controlar e alinhar todas as instituições e a sociedade alemã com a ideologia do governo. A formação do Ministério fazia parte deste plano, que visava controlar todos os aspectos da comunicação e da cultura na Alemanha, fazendo com que quase todos os aspectos da vida política e social alemã fossem afetados (EVANS, 2005, p. 447).

Para alcançar seus objetivos, o plano inicial de Goebbels e de Hitler era de utilizar todos os meios de comunicação disponíveis no território alemão. Em um de seus primeiros discursos após assumir o governo, Hitler discorre sobre este ponto:

Em relação à descontaminação política de nossa vida pública, o governo iniciará uma campanha sistemática para restaurar a saúde moral e material da nação. Todo o sistema educacional, o teatro, o cinema, a literatura, a imprensa e as transmissões - tudo isso será usado como um meio para esse fim. Eles serão aproveitados para ajudar a preservar os eternos valores que fazem parte da natureza integral de nosso povo (WELCH, 2007, p. 22-23).

Para compor seu gabinete, Goebbels buscou políticos nazistas jovens e com um nível educacional elevado. Para ele era necessário que o ministério fosse uma instituição moderna e tecnológica, pois sua intenção era renovar o modelo de propaganda a ser feito a partir daquele momento. Desta forma, em busca de alcançar este objetivo, foram criados diferentes departamentos para cada meio de comunicação, como o departamento de teatro, de rádio, etc. Algo que facilitou esta disseminação e influência da propaganda de Goebbels foi a decisão de Hitler de dar ao seu ministério ainda mais poder sobre o Reich e sobre outros departamentos/ministérios. Em junho de 1933, o ministro passou a também ser responsável por tudo que envolvia as relações públicas relacionadas ao Terceiro Reich (EVANS, 2005, p. 467).

Ademais, as propagandas promovidas pelo Ministério da Propaganda eram feitas não apenas para informar e influenciar a opinião pública, mas também para transformar culturalmente o país, unificando a população em torno das ideologias nazistas. Para alcançar

este resultado, Joseph Goebbels obteve controle sobre a censura no país, de modo que todos os veículos de comunicação, como jornais, rádios, clubes esportivos e produções artísticas, fossem estritamente supervisionados pelos departamentos do ministério. Qualquer manifestação que contrariasse os princípios nazistas era rapidamente encerrada.

Paralelamente, os mesmos meios de comunicação foram utilizados para a produção de filmes, como *O Triunfo da Vontade*, que exaltavam a figura de Adolf Hitler e promoviam os valores centrais da ideologia nazista, como a superioridade racial e o antissemitismo. Posteriormente, essa mesma propaganda foi amplamente utilizada para mobilizar o apoio da população ao esforço de guerra e, de forma ainda mais significativa, para justificar as atrocidades cometidas pelo governo, incluindo a perseguição e o genocídio de minorias.

3.4 A disseminação do antissemitismo em território alemão.

Na primeira parte de seu texto Hitler dedica um capítulo inteiro, intitulado “Povo e Raça”, para as suas teorias de superioridade da raça “ariana”. Neste capítulo, além de defender a raça que ele considerava pura, através de exemplos e metáforas do mundo animal, Hitler apresenta as suas ideologias, que viriam a se tornar bases para instaurações de leis discriminatórias em território alemão. A partir dos trechos a seguir, é possível entender como ódio e racismo sempre estiveram presentes nos pensamentos do ditador:

Cada animal só se associa a um companheiro da mesma espécie. O abelheiro cai com o abelheiro, o tentilhão com o tentilhão, a cegonha com a cegonha, o rato campestre com o rato campestre, o rato caseiro com o rato caseiro, o lobo com a loba etc. [...] a Natureza começa a defender-se por todos os meios, e seu protesto mais evidente consiste, ou em privar futuramente os bastardos da capacidade de procriação ou em limitar a fecundidade dos descendentes futuros. [...] O homem que desconhece e menospreza as leis raciais, em verdade, perde, desgraçadamente a ventura que lhe parece reservada, impede a marcha triunfal da melhor das raças, com isso estreitando também a condição primordial de todo progresso humano. [...] Se a humanidade se pudesse dividir em três categorias: fundadores, depositários e destruidores de Cultura, só o Ariano deveria ser visto como representante da primeira classe. Dele provêm os alicerces e os muros de todas as criações humanas, e os traços característicos de cada povo. [...] Com isso ficou, porém, claramente delineado o trajeto que o ariano teria de percorrer. Com a sua autoridade de conquistador, submeteu ele os homens inferiores, regulando, em seguida, sob o seu comando, a atividade prática dessas criaturas, conforme a sua vontade e visando seus próprios fins (HITLER, 2020, p. 125-130).

Na sequência, Hitler dedica o restante do capítulo ao seu profundo desprezo pelo povo judeu, em principal o judeu alemão. Para ele, os judeus eram uma comunidade parasita.

Segundo Hitler, por não ter um Estado próprio, os judeus adentravam sociedades de outros povos para influenciar negativamente seus cidadãos e utilizar de todos os recursos que lhes fossem disponibilizados, até que estes recursos esgotassem e eles migrassem para outro país.

O judeu é que apresenta o maior contraste com o ariano. Nenhum outro povo do mundo possui um instinto de conservação mais poderoso do que o chamado "Povo Eleito". [...] o judeu não cogita absolutamente desocupar uma região por ele ocupada, ficando aí, fixando-se e vivendo aí tão bem estabelecido, que mesmo a violência dificilmente o consegue expulsar. Sua expansão através de países sempre novos só principia quando neles existem condições precisas para lhe assegurar a existência, sem que tenha que mudar de domicílio como o nômade, é e será sempre o parasita típico, um bicho, que, tal qual um micróbio nocivo. Se propaga cada vez mais, assim que se encontra em condições propícias. A sua ação vital igualmente se assemelha à dos parasitas, onde ele aparece. O povo, que o hospeda, vai se exterminando mais ou menos rapidamente. Assim viveu o judeu, em todos os tempos, nos Estados alheios, formando ali seu próprio "Estado", que aliás costumava navegar em paz, até que circunstâncias exteriores desmascarassem por completo seu aspecto velado de "comunhão religiosa" (HITLER, 2020, p. 132-134).

A partir de seu texto, é impossível negar que Hitler sempre deixou suas opiniões sobre o povo judeu expostas para todos que procurassem seu livro. Não foi surpresa quando, após assumir o poder total da Alemanha, o NSDAP e o Líder de Estado procuraram meios pelos quais seria possível a expulsão dos judeus do território alemão.

3.4.1 Evolução do ódio contra judeus.

A ascensão de um governo nacional-socialista na Alemanha não foi surpreendente, dado o impacto profundo das crises econômicas da década de 1920 sobre a sociedade alemã. O desejo pelo renascimento da nação era amplamente compartilhado; no entanto, para que isso se concretizasse, tornava-se essencial unificar e fortalecer a população. Nesse contexto, Goebbels utilizou todos os recursos disponíveis para atingir esse objetivo. Uma das estratégias adotadas foi a mobilização do ódio contra o inimigo comum, que serviu como uma válvula de escape para a frustração coletiva dos cidadãos alemães, oferecendo um mecanismo eficaz de união social.

É possível dizer que o antissemitismo foi uma das grandes armas do Terceiro Reich. Durante sua estadia no poder, o NSDAP não mediu forças para garantir que nada sáísse do que

estava sendo planejado para o futuro do partido e da Alemanha. Assim, os judeus foram transformados no bode expiatório perfeito para o regime.

Em julho de 1927, Goebbels lançou um jornal semanal, *Der Angriff* (O ataque), que, como o título sugere, foi criado para atacar adversários políticos e explorar sentimentos antissemitas, alegando que os judeus eram responsáveis pela maioria dos males do “sistema” de Weimar. [...] Um slogan recorrente era *Deutschland erwache, Jude verrecke!* (“Germany awake, Jewry be damned!”) O antissemitismo violento permeava as páginas do jornal, e os judeus se tornaram os bodes expiatórios de todos os problemas da Alemanha e do mundo (WELCH, 2007, p. 13, tradução nossa).

Esta estratégia política só foi possível pela predisposição antissemita que já existia na Europa e na Alemanha, a aversão aos judeus não foi algo recente. Sendo assim, as propagandas contavam com a falsa narrativa que os judeus dominavam a vida econômica e cultural na Alemanha. Estas acusações foram usadas para relacionar a suposta decadência alemã nas décadas anteriores ao povo judeu. Esta e outras narrativas antissemitas eram disseminadas através dos meios de comunicação, como imprensa e cinema. Livros eram publicados com a intenção de mudar o modo como o povo judeu era visto dentro do Reich, livros didáticos eram escritos com a intenção de ensinar as crianças a adotarem uma consciência racial desde cedo, elas deveriam saber que a raça ariana era superior e majestosa. Entretanto, essas campanhas não foram restritas aos meios não violentos; durante seus anos de governo, o partido nazista permitia o uso da SA (*Sturmabteilung*) em momentos propícios para a violência direta contra judeus. Um grande exemplo foi a *Reichskristallnacht* (“Noite das Vidraças Quebradas”): durante essa noite, sinagogas, lojas e estabelecimentos judaicos foram incendiados e saqueados, diversos judeus foram detidos pela SA e enviados para campos de concentração fora da Alemanha. Momentos como este marcaram um aumento significativo na perseguição e opressão aos judeus.

Embora consideráveis objeções estrangeiras tenham sido levantadas às campanhas antissemitas dos nazistas (particularmente após a *Reichskristallnacht* de 1938), o tipo de propaganda que retratava o judeu como um comunista maligno e ganancioso levantou pouca oposição dentro da Alemanha. Nem foram levantadas objeções sérias às Leis de Nuremberg de 1935, que privaram os judeus da maioria de seus direitos como cidadãos. Pelo contrário, parece que muitos alemães viam as novas leis como uma medida estabilizadora e necessária para limitar a influência judaica e o casamento inter-racial. É significativo que o serviço civil em particular tenha acolhido tal legislação discriminatória, que colocou o antissemitismo em uma base “legal” sólida (WELCH, 2007, p. 96, tradução nossa).

3.4.2 Leis de Nuremberg

O período anterior a Segunda Guerra Mundial na Alemanha ficou marcado pela exclusão gradual do povo judeu na sociedade alemã. Entre 1933 e 1942, diversas leis e decretos foram promulgados pelo governo nazista: entre elas, a “Lei para a Restauração do Serviço Civil Profissional”, responsável por limitar a participação na vida pública; a “Lei de Cidadania do Reich” onde judeus não eram mais considerados cidadãos alemães, tendo seus direitos políticos e civis revogados. também responsável pela proibição da miscigenação entre judeus e alemães, através da qual o casamento e as relações inter-raciais foram ilegalizados.

Hitler não subiu ao poder carregando debaixo do braço um dossiê de medidas antijudaicas a serem implementadas segundo um calendário estabelecido de antemão. Todavia, não é de se duvidar que ele já tivesse em mente as grandes linhas de sua ação futura. O partido nazista havia preparado nos anos anteriores um certo número de estudos e projetos. Entre estes, encontravam-se os objetivos básicos óbvios para os dirigentes nazistas e que seriam realizados nos dois anos seguintes: exclusão dos judeus dos empregos públicos, proibição dos casamentos com os alemães, rebaixamento a um status de cidadãos de segunda categoria. Certos projetos iam mais longe ainda prevendo a retirada imediata da nacionalidade alemã a todos os judeus, o que permitiria obrigá-los à emigração ou expulsá-los (BURRIN, 1990, p. 38).

3.4.3 Declarada a Segunda Guerra, Campos de concentração e extermínio dos judeus.

Com a declaração da Segunda Guerra Mundial, o antissemitismo aumentou em grande escala, resultando na criação de novas leis e limitações direcionadas aos judeus. A partir de 1939, o propósito do regime nazista mudou para a efetivação da retirada forçada dos judeus da Alemanha, um plano que ficou conhecido como a “questão judaica”. Para isso, a propaganda nazista passou a ser utilizada com o objetivo de convencer a população de que a Alemanha estaria melhor sem os judeus em seu território.

Não demorou para algo ser feito. Segundo Welch (2007), em outubro de 1932 as deportações dos judeus da Áustria e Tchecoslováquia para a Polônia foram iniciadas em uma pequena escala. No ano seguinte, uma sequência de filmes com fins de propaganda foi criada com a intenção de convencer a população de que a “Questão Judaica” deveria ser resolvida o quanto antes.

A aversão contra a população judaica por parte dos cidadãos alemães resultou em um aval para o que viria a ser a “Solução Final da Questão Judaica” (“*Endlösung der Judenfrage*”). A Solução Final, como ficou conhecida, foi o desfecho escolhido pelo governo nazista para eliminar completamente a vida judaica do país alemão. De acordo com Welch (2007), a “Solução Final” iniciou após a invasão alemã na União Soviética em 1941. Para o autor as restrições com o que seria considerado bárbaro demais já não existiam mais. A partir deste ponto, Hitler lutava duas guerras: a Segunda Guerra Mundial e a guerra para o genocídio em massa do povo judeu no continente europeu, que viria a ser realizado através dos diversos campos de concentração e extermínio criados desde 1933.

Conhecido com o arquiteto do genocídio, Heinrich Himmler, chefe da SS (Schutzstaffel), estabeleceu em Dachau o primeiro campo de concentração nazista, em 1933. Inicialmente, o campo era utilizado para receber presos políticos do regime, como comunistas. No entanto, com a nomeação de Himmler para Comissário do Reich para o Fortalecimento da Identidade Racial Alemã (Reichskommissar für die Festigung des Deutschen Volkstums), e a nomeação de Reinhard Heydrich como chefe do Escritório Central de Segurança do Reich (RSHA), o controle da “Questão Judaica” ficou como responsabilidade de ambos. Enquanto Himmler obteve total controle de territórios na Polônia, Heydrich tinha controle sobre a Gestapo (Geheime Staatspolizei) e o Serviço de Segurança (SD). Com o poder extremo que adquiriram, juntos não demoraram a encontrar a resposta de como exterminar os judeus, de forma eficaz e rápida. Após a invasão da URSS ao fim de 1941, foi orquestrada a deportação de todos os judeus de territórios pertencentes a Alemanha para os campos de concentração, e em 1942, a utilização de câmaras de gás para o genocídio dos judeus já estava em prática. Até a derrota da Alemanha ao fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, a “Solução Final” resultou no massacre de 6 milhões de judeus europeus. (WELCH, 2007, p. 106)

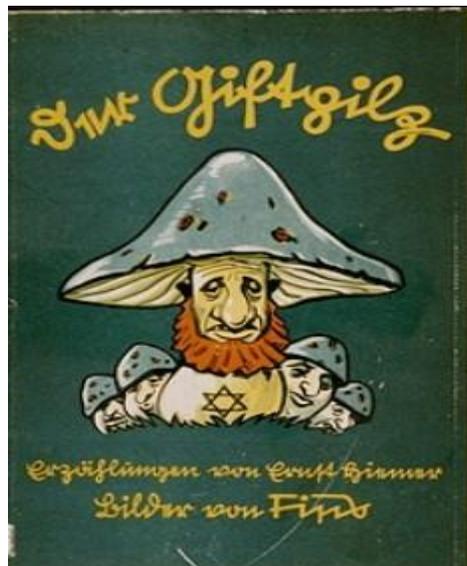
A propaganda ajudou a criar essa apatia e indiferença ao persuadir as pessoas de que poderiam se retirar para a segurança de suas vidas privadas despolitizadas e deixar as “soluções” para esses “problemas” a cargo de outros. Tragicamente, a “ambiguidade moral” que caracterizou a reação do público aos planos bem divulgados de exterminar os judeus e outras raças “inferiores” incentivou o regime a “realizar o impensável” (WELCH, 2007, p. 107).

3.4.4 Exemplos de propagandas expostas pelo governo nazista.

Para compreender melhor e visualmente a extensão da propaganda nazista entre os anos de 1933 e 1945, abaixo se encontram alguns cartazes, panfletos, capas de livros, cartazes de filmes, etc., usados para influenciar e moldar a opinião pública por todo Reich.

- Impresso (livros, panfletos, cartazes, etc).

Figura 1 - Capa de um livro infantil alemão antissemita, Der Giftpilz (O Cogumelo Venenoso), publicado na Alemanha pelo Der Stuermer-Verla.



Fonte: US Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/cover-of-a-german-antisemitic-childrens-book>. Acesso em: 11 out. 2024.

Figura 2 - Cartaz de propaganda nazista adverte os alemães sobre os perigos dos "subumanos" do leste europeu.



Fonte: Robert Hunt Library

Figura 3 - Cartaz com o título: "Die Nürnberger Gesetze" As Leis Raciais de Nuremberg. O cartaz mostrava colunas que explicavam quem eram os "Deutschbluetiger", os "Mischling 2 Grades", os "Mischling 1 Grades", e "Jude".



Fonte: US Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/chart-with-the-title-die-nuernberger-gesetze-nuremberg-race-laws>. Acesso em: 12 out. 2024.

Figura 4 - Hitler mostrado como astro de cinema em cartaz eleitoral.



Fonte: US Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/nazi-propaganda-election-poster>. Acesso em: 11 out. 2024.

- **Audiovisual (cinema nazista).**

Em relação as mídias audiovisuais, a propaganda nazista através do Ministério da Propaganda encomendava filmes com teor patriótico, que continham assuntos presentes na ideologia

nazista. Isto ocorria, pois para Goebbels era de extrema importância que os interesses do Reich estivessem presentes na vida cotidiana do público alemão. (Welch, 2007, p. 56)

Figura 5 - Foto de um filme propaganda produzido pelo RMVP, com a intenção de gerar apoio público para o Programa de Eutanásia.



Fonte: US Holocaust Memorial Museum courtesy of Marion Davy. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/this-photo-origina-tes-from-a-film-produced-by-the-reich-propaganda-ministry>. Acesso em: 12 out. 2024

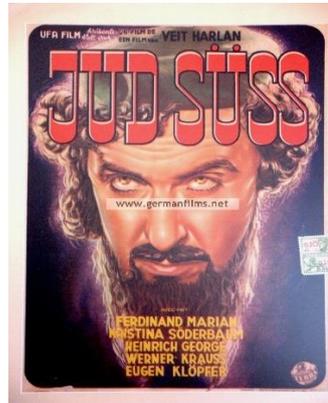
Desta forma, alguns dos filmes provenientes desta campanha do RMVP, foram a sequência de três filmes foram produzidos em 1940, com o intuito de preparar a população alemã para a "Solução Final" da chamada "Questão Judaica", sendo eles Die Rothschilds, Jud Süss e Der ewige Jude. (WELCH, 2007, p. 99)

Figura 6 - Pôster alemão de 1940 do filme DIE ROTHSCHILDS



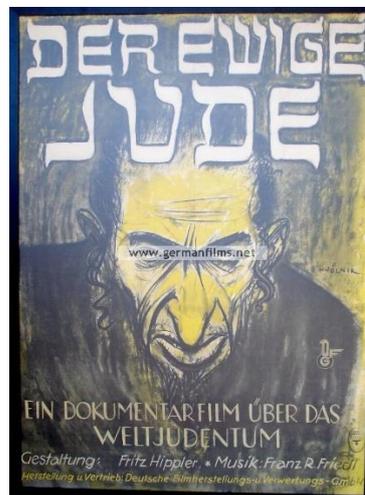
Fonte: German Films Dot Net – Film Posters. Disponível em: <https://germanfilms.net/poster-gallery/die-rothschilds1/>. Acesso em: 10 out. 2024.

Figura 7 - Cartaz do filme “Jud Süß” produzido pelo Ministério da Propaganda em 1940.



Fonte: German Films Dot Net – Film Posters. Disponível em: <https://germanfilms.net/index.php/poster-gallery/jud-suess/>. Acesso em: 10 out. 2024.

Figura 8 - Cartaz do filme “Der ewige Jude” produzido pelo Ministério da Propaganda em 1940.



Fonte: German Films Dot Net – Film Posters. Disponível em: <https://germanfilms.net/index.php/poster-gallery/der-ewige-jude/>. Acesso em: 10 out. 2024.

4 ARMAS NÃO SÃO O SUFICIENTE

4.1 ESPORTE E NAZISMO

4.1.1 Esporte, política e propaganda.

As atividades esportivas se relacionam profundamente com a política e propaganda, movendo a sociedade em direções que vão além e ultrapassam o espaço das competições, entretenimento e lazer das massas. É possível dizer que a propaganda no âmbito do esporte não se limita às práticas esportivas, ela pode – e muitas vezes é – usada para transmitir ideologias e diferentes valores culturais para uma determinada população. Através dos meios de comunicação e divulgação de variados esportes em uma sociedade, é possível amplificar a relação entre esporte e política, resultando em manipulações (nem sempre diretas) para moldar e modificar a opinião pública.

Desde a antiguidade, o esporte não era praticado com uma finalidade própria e específica, mas integrava instituições militares, educacionais e religiosas. Na Grécia, as atividades esportivas e a ginástica eram primordiais para o ideal grego de formação completa do indivíduo, pois tinham um grande valor educacional e poderiam ser utilizadas para incrementar os treinos militares para os jovens. Entretanto, os Jogos Olímpicos criados pelos gregos possuíam um valor político e propagandista, em vista que eram utilizados como modo de intercâmbio entre as diferentes cidades-estados gregas, promovendo assim tanto a celebração das atividades físicas como também a superioridade de cada cidade em determinados esportes. Já em Roma, para ajudar a desviar a atenção do povo dos problemas e ações impopulares feitas pelo império romano, foi criada “Política do Pão e Circo”. Os Jogos Públicos romanos, eram conhecidos pela criação de grandes eventos em locais maiores como circos e anfiteatros, que ofereciam ao povo como entretenimento corridas de bigas, combates entre gladiadores, lutas com diversos animais, execuções de criminosos e etc. (SIGOLI; DE ROSE JR, 2004, p.112).

No início do século XIX, surgiram as Escolas Ginásticas Europeias, e entre elas se encontrava a Escola Alemã. Essas instituições, além de promover o desenvolvimento pedagógico e esportivo, também possuíam uma função militar, responsável por reforçar o

patriotismo e nacionalismo de jovens indivíduos. Através destas escolas e pelo incentivo à implementação de atividades físicas, o esporte nestas sociedades também passou a ser utilizado como uma ferramenta de disciplina e fortalecimento dos trabalhadores e cidadãos. Isto no século seguinte viria a influenciar o uso do esporte como ferramenta de propaganda para promover sistemas políticos de estados totalitários e alimentar a ideia da construção de uma nação forte, saudável e unida, onde diferentes governos frequentemente manipulam o esporte para estimular políticas e legitimar regimes autoritários ou democráticos como os Estados Unidos durante a Guerra Fria (SIGOLI; DE ROSE JR., 2004, p.112).

Os órgãos governamentais perceberam o poder de abrangência do esporte e passaram a fazer uso de suas estruturas. Ocorreu a estatização de entidades esportivas o que trouxe ao esporte o sentimento de patriotismo e representação nacional, sobretudo com a convocação de seleções para disputa de campeonatos internacionais. O Estado usurpou do esporte valores como prestígio político e econômico internacional (SIGOLI; DE ROSE., 2004, p.115).

4.1.2 O esporte para a Alemanha nazista.

O esporte desempenhou uma função fundamental durante o regime do NSDAP na Alemanha, agindo como uma ferramenta de propaganda política e controle social das massas. Hitler e o governo nazista enxergavam o esporte não apenas como lazer, mas sim como um meio para fortalecer e controlar a população, promovendo valores como disciplina, obediência e nacionalismo. Um dos principais objetivos desta propaganda gerada a partir do esporte, era formar um indivíduo alemão fisicamente forte, e com suas ideologias alinhadas aos princípios de “raça pura ariana” do regime. Neste cenário, as instituições esportivas foram usadas para serem como instrumento para construir uma nova sociedade ariana, enfatizando valores de saúde, força e ordem popular, que se adequavam à visão do regime sobre um “povo superior”.

Além de sua função como ferramenta de propaganda, o esporte também foi utilizado como um meio de exclusão e segregação. Atletas judeus, ciganos e todos os grupos considerados inferiores aos olhos do Fühler foram sistematicamente banidos do cenário esportivo, resultado de uma política racista do regime. Deste modo, o esporte serviu como um meio para apresentar todo o poder e unificação do Estado alemão para o público e governos internacionais, assim, ultrapassando a sua função de apenas uma atividade física, tornando-se

um dos pilares de uma propaganda política de manipulação de opiniões, mobilização nacional e ideológicas, consolidando a influência de Hitler e do NSDAP em todas as esferas da vida cotidiana na Alemanha da década de 1930.

De acordo com Imhoof (2015, p. 383-391), durante o Terceiro Reich dois processos interligados permitiram que a Alemanha nazista coordenasse atividades esportivas, as moldando de acordo com os princípios do NSDAP. O primeiro ocorreu em 1933, quando o governo nazista centralizou o poder sobre as organizações esportivas, assumindo o controle das estruturas e impondo restrições aos grupos que não se alinhavam com sua ideologia. Neste processo, clubes considerados de esquerda foram fechados, ao mesmo tempo que foram impostas severas restrições esportivas aos judeus, sendo a maior delas a exclusão total dos clubes. O segundo processo, foi progressivamente realizado a partir dos anos 1920, quando grupos esportivos foram alinhando-se às ideias nazistas. Mesmo que esta transição tenha ocorrido de forma gradual e desigual, clubes e organizações esportivas passaram a adotar, pouco a pouco, parte da ideologia nazista sobre nacionalismo, disciplina e força física, e a ideia de esportes como substitutos do treinamento militar. Até 1934, ainda sob as consequências impostas pelo Tratado de Versalhes, o esporte, além de gerar um sentimento de pertencimento à nação por aqueles que o praticavam, também se tornou um meio de preparar a população alemã para ingressar no exército assim que necessário. Entretanto, em 1935 a partir da decisão da Alemanha de desobedecer por definitivo o Tratado e iniciar o rearmamento alemão, a atuação dos esportes no Terceiro Reich mudou mais uma vez: como já não eram mais fundamentais para o treinamento militar, ganharam valor simbólico ao invés de prático. Dessa forma, clubes esportivos começaram a perder seus melhores jogadores para as forças armadas e jornais reforçavam a conexão entre esporte e militarismo, ressaltando que atletas se tornavam bons soldados e que soldados eram naturalmente bons atletas.

Na Alemanha, desde que Hitler ocupara o poder, em janeiro de 1933, a atenção desprendida pela nova ordem ao mundo dos esportes não parou de crescer, assumindo uma dimensão fundamental dentro da perspectiva nazista de controle total da sociedade [...] nesse sentido, interessava aos nazistas a aproximação da prática esportiva a todos os campos (AGOSTINO, 2002, p. 60-61).

Esporte e política estiveram interligados em mais de um momento de grandes eventos esportivos na primeira metade do século XX. Esta relação propagandística não foi exclusiva a apenas um regime totalitário. Antes da realização dos grandes Jogos Olímpicos em Berlim, Mussolini e o governo fascista na Itália já haviam descoberto as variáveis vantajosas presentes nos majestosos eventos esportivos internacionais.

Durante seus primeiros anos no poder, os fascistas compreenderam a importância do esporte e exploraram intensamente a influência e o impacto que ele poderia ter em uma sociedade como a italiana, gerando variadas oportunidades para afirmar a lealdade nacional vinda dos italianos e justificar a autoridade imposta a eles. Rapidamente as práticas esportivas tornaram-se um elemento essencial na afirmação de uma ideologia fascista, incorporando-se aos valores fundamentais de regimes totalitários. Segundo Agostino (2002, p. 53), durante as preparações e realização da Copa do Mundo de 1934 realizada na Itália, cada passo da equipe de futebol italiana foi vista pelo governo como um método perfeito de propaganda política, cada conquista era ligada a feitos ou celebrações de Mussolini e seu partido.

Em meio a uma grande iniciativa publicitária, cada partida jogada pela seleção de futebol italiana era apresentada como um combate militar sem armamento, onde os principais itens da simbologia fascista nacional, como uniformes, bandeira, hino, e a própria figura de Mussolini, ocupavam um papel central. Mussolini estava presente em todos os jogos da Copa do Mundo, festejando cada vitória junto aos jogadores, e entregando pessoalmente o troféu de campeão a equipe italiana. Assim, o fato de a Itália vencer a competição em sua própria casa, resultou na mais perfeita propaganda ao partido fascista, reforçando a identidade nacional, os valores e superioridade ideológica do governo para o cenário mundial.

[...] As razões que fizeram do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas teriam sido a facilidade e a facilidade de provocar mesmo nos menores atores políticos individuais ou públicos a identificação com a nação. A imaginária comunidade de milhões de concidadãos parece mais real, mais protagonista, na forma de um time de jogadores nomeados. O indivíduo, mesmo o simples torcedor, torna-se o próprio símbolo de sua nação (VASCONCELLOS, 2008, p. 14).

4.1.3 Berlim 1936 e a representação da raça ariana.

Assim como a Itália sob a liderança de Benito Mussolini, o regime nazista reconhecia no esporte uma oportunidade privilegiada para evidenciar a suposta superioridade racial de seus cidadãos em relação ao resto do mundo. Desde 1931, o Comitê Olímpico Internacional havia designado Berlim como a sede dos Jogos Olímpicos de 1936. Inspirados pela bem sucedida campanha publicitária durante a Copa do Mundo de 1934 na Itália, os líderes nazistas, em especial Adolf Hitler, foram facilmente convencidos da eficácia midiática que os Jogos

Olímpicos poderiam proporcionar para a promoção das ideologias nazistas. De acordo com Imhoof (2015, p. 389), em 1933, a liderança do movimento olímpico alemão conseguiu persuadir Hitler e Joseph Goebbels acerca do valor propagandístico dos Jogos, reconhecendo que o esporte poderia reforçar o poder do regime. Em decorrência disso, o governo concentrou esforços na formação de uma elite de atletas arianos, com o intuito de centralizar e controlar as organizações esportivas.

Em 1936, o esporte já se configurava como um espaço de múltiplos interesses — muitas vezes divergentes — no contexto alemão. O regime nazista explorou de forma significativa o potencial da propaganda política associada aos Jogos Olímpicos, utilizando esse evento como uma plataforma para divulgar sua ideologia racista e nacionalista. Assim, em agosto daquele ano, a ideologia nazista seria amplamente promovida perante a comunidade internacional, reforçando as crenças do regime acerca da supremacia ariana.

Para a Alemanha a estratégia principal para os jogos visava demonstrar ao mundo de forma concreta a superioridade de seu povo. Já para Hitler, estava presente nos jogos a oportunidade perfeita para propagar as visões eugenistas do partido nazista. Além disso, Berlim sediar as Olimpíadas permitiria ao governo nazista maquiagem problemas internos e fortalecer a imagem e reputação pública do Estado para a mídia e governos externos, desviando assim a atenção de seus escândalos e condutas antisemitas.

Atletas judeus, ciganos, negros, foram retirados de a delegação alemã antes dos jogos iniciarem, pois segundo Mostaro (2012, p.102), uma medalha conquistada por um não-ariano teria pouco valor para a propaganda nazista. Entretanto, ao mesmo tempo que Hitler e o partido pretendiam demonstrar todo o valor de seu povo de raça pura, foi necessária a manipulação da verdade para que países como Estados Unidos participassem do evento. Assim, a Alemanha, durante 16 dias, disfarçou sua repressão contra aqueles considerados indesejáveis para o governo, em uma tentativa de mostrar uma imagem de respeito a todos, independentemente de etnia ou raça.

A máquina do Estado Nazista organizou a melhor edição dos Jogos Olímpicos até então. A população foi orientada a receber bem os participantes. Os hotéis e restaurantes receberam a determinação de atender bem a todos relevando os preceitos racistas. Os jornais e boletins oficiais de perseguição aos judeus foram recolhidos. Os cartazes antisemitistas foram retirados dos locais públicos. O Exército e a Polícia Nazista S.A. ocuparam Berlim durante os jogos. A cidade foi decorada com bandeiras e pinturas ostentando os aros olímpicos e a suástica nazista. Hinos nazistas e olímpicos eram entoados a todo tempo nos alto-falantes instalados pela cidade. Imagens dos jogos foram reproduzidas em telões espalhados pelas praças de Berlim. Durante os jogos, todas as ações exaltavam a ordem e a glória do governo nazista do III Reich. As cerimônias, desfiles e uniformes deixavam a impressão militar e belicosa aparentes (SIGOLI; DE ROSE, 2004, p.114).

Todavia, durante os jogos, nem tudo correu de acordo com as expectativas do Führer. Um dos momentos mais emblemáticos de toda a competição foram as vitórias inesperadas – por parte do regime nazista –, de Jesse Owens, atleta afro-americano que conquistou quatro medalhas de ouro no atletismo, algumas diretamente em disputas com atletas alemães que eram as apostas de Hitler. A insatisfação do governo perante estas derrotas era clara. Em seu livro, Hilmes retrata a reação de Hitler após a primeira vitória de Owens:

Adolf Hitler, que também é patrono dos jogos, tem sua própria teoria sobre o motivo pelo qual Jesse Owens venceu hoje. Seu arquiteto favorito, Albert Speer, lembra a seguinte explicação: as pessoas cujos ancestrais vieram da selva são primitivas e têm uma constituição mais atlética do que os brancos civilizados, diz ele, dando de ombros; não podemos competir com elas e, portanto, elas devem ser excluídas dos próximos jogos e competições esportivas (HILMES, 2017, p. 57, tradução nossa).

Entretanto, após a última vitória e quarta medalha de ouro de Owens nos Jogos Olímpicos, Goebbels entende que a trajetória de Owens nos jogos constitui uma nova mensagem política. Para ele, é uma grande ofensa à suposta superioridade da “raça branca” que defende. Mesmo alguns nacional-socialistas menos fervorosos poderiam, diante do desempenho extraordinário de Owens, começar a questionar até onde vai a alegada hegemonia da raça ariana (HILMES, 2017, p. 73). Portanto, o grande desempenho de Jesse Owens, desafiou diretamente a ideologia de supremacia ariana e representou um revés simbólico para o regime, já que se tratava de um atleta negro destacando-se em um evento cuidadosamente organizado para glorificar a raça ariana.

Ao término das Olimpíadas de Berlim em 1936, a apropriação do esporte pelo regime nazista deixou um legado significativo, demonstrando como essa atividade pode ser manipulada e moldada para apoiar e promover ideologias totalitárias. Na Alemanha nazista, a partir dos Jogos Olímpicos, o esporte transcendeu sua natureza como mera atividade física, passando a desempenhar um papel central no controle social, na mobilização popular e na propaganda ideológica, estendendo a influência do Partido Nazista a diversos aspectos da vida cotidiana na sociedade alemã. Dessa maneira, o esporte, ao superar sua função original, consolidou-se como um dos pilares do regime, sendo instrumentalizado para disseminar a ideologia do partido.

4.2 UMA GUERRA DENTRO DE QUATRO LINHAS: FUTEBOL E A PROPAGANDA NAZISTA

Durante o período de governo do Partido Nacional-Socialista, o futebol foi sistematicamente convertido em uma ferramenta de propaganda política, destinada a consolidar a imagem de uma Alemanha unificada, fortalecida e superior às demais nações. Adolf Hitler e seu ministro da propaganda, Joseph Goebbels, reconheceram no futebol a habilidade de mobilizar as massas, um elemento crucial para reforçar o sentimento nacionalista alemão e disseminar a ideologia nazista no cenário internacional. Em vista que o futebol era o esporte mais popular da época, o Partido Nazista o utilizou para impulsionar sua agenda antissemita.

O regime não apenas infiltrou-se, mas também reestruturou o futebol alemão no âmbito doméstico e internacional, ajustando as práticas esportivas às diretrizes ideológicas nazistas e consolidando suas metas políticas no contexto esportivo. Na Alemanha, o futebol desempenhou também um papel de fragmentação social, dividindo indivíduos, grupos políticos e etnias. Em um regime que priorizava a supremacia da nação alemã e promovia a perseguição dos judeus, fundamentada em uma suposta “inferioridade racial,” o futebol emergiu como um instrumento eficaz para a exclusão social. A popularidade desse esporte foi estrategicamente utilizada pelo regime nazista para fomentar animosidade entre grupos étnicos e nacionais considerados fora do ideal de “nação alemã,” reforçando, assim, a unidade interna do Estado alemão.

4.2.1 DFB e o futebol no fortalecimento do regime nazista

Ao fim do século XIX, o futebol vinha crescendo em popularidade por toda a Europa, incluindo a Alemanha. Durante este período, o futebol no país alemão era praticado de forma amadora, com diferentes associações regionais, diferentes regras e competições para cada cidade ou bairro, o que dificultava a unificação do esporte em escala nacional. Para solucionar este e outros problemas que surgiam pela falta de uma instituição maior no país, em 28 de janeiro de 1900 é fundada na cidade de Leipzig a Federação Alemã de Futebol (DFB - Deutscher Fußball-Bund), marcando assim o início de um modelo centralizado de futebol no país. Em 1904, a DFB já havia criado e organizado campeonatos nacionais para os times locais, ao

mesmo tempo que por sua afiliação à Federação Internacional de Futebol (FIFA), passou a ter a oportunidade de participar de competições internacionais.

O crescimento significativo do futebol como esporte de participação e de grande público após a Primeira Guerra Mundial redefiniu especialmente o escopo das organizações tradicionais e das entidades esportivas. [...] Nos anos 1920, membros de diversas organizações praticavam futebol, e partidas importantes podiam atrair mais de mil espectadores de todos os grupos sociais. [...] Por meio da participação ou da observação, o esporte oferecia aos alemães uma variedade de atividades sociais agradáveis para canalizar sua energia e tempo. [...] Como um esporte de massas e de participação, o futebol exemplifica bem o processo pelo qual os esportes se tornaram parte integrante do Terceiro Reich. O oportunismo econômico dos líderes do futebol moldou especialmente suas percepções sobre as ideias e organizações nazistas, mesmo antes de 1933 (IMHOOF, 2015, p. 378-387, tradução nossa).

Deste modo, a DFB apesar de enfrentar inicialmente a concorrência de outros esportes no país, estabeleceu-se como a principal entidade de esportes na Alemanha. Sua estrutura, criada no início do século XX, foi essencial para o crescimento do futebol. Entretanto, além das inúmeras vitórias conquistadas desde a criação da federação, a história da DFB e do futebol alemão ficaram marcadas pelo período de regime totalitário na Alemanha.

Com a ascensão do partido nazista ao poder, a DFB passou a ser controlada pelo regime do NSDAP, assim como muitas outras instituições e organizações esportivas do país. A partir de 1933, o governo passou a implementar diversas providências para ter total controle de todas as áreas da sociedade alemã, incluindo o futebol. A vista disto, a federação ficou propícia a aceitar as mudanças e interferências com teor político impostas ao futebol nacional, assim alinhando-se aos objetivos do regime, promovendo a ideologia nazista e usando o futebol como uma ferramenta de propaganda. De acordo com D'anieri (2018, p. 3-5), a permanência da DFB durante o regime nazista ocorreu pela adaptação, aceitação e participação na estrutura organizacional imposta pelo partido. Em 1933, o caráter apolítico da DFB foi praticamente eliminado, e sua postura conservadora e fortemente nacionalista facilitou a integração com as novas diretrizes nazistas. Entretanto, após a ascensão de Hitler ao poder, a DFB manteve seu "controle" apenas na representação do país no cenário futebolístico internacional, tendo assim suas funções domésticas assumidas pelo Departamento Especializado em Futebol, dentro da nova estrutura esportiva do governo nazista. A partir disto, a organização tornou-se mais hierárquica, seguindo o princípio do "Führer", no qual líderes tinham autoridade total sobre subordinados e reportavam apenas aos seus superiores nazistas. A integração do futebol ao sistema nazista foi considerada eficaz para a propaganda do regime, tanto local quanto internacionalmente. Em território nacional, impediu que opositores políticos usassem o esporte

para organizar atividades contrárias ao regime, ao mesmo tempo que facilitou a exclusão destes mesmos indivíduos do futebol e, conseqüentemente, da sociedade alemã, assim controlando o acesso ao esporte mais popular da época e reforçando a divisão entre cidadãos aceitos pelo regime e aqueles excluídos, consolidando a visão nazista sobre identidade e pertencimento social. Em escala mundial, o futebol foi amplamente usado como ferramenta de propaganda para promover os ideais do Terceiro Reich, além disso, o regime usava o futebol como um meio de projetar uma imagem de abertura ao mundo, buscando amenizar o isolamento internacional crescente e passar uma impressão de normalidade e busca de pertencimento global.

A DFB e os clubes alemães neste período eram incluídos em campanhas políticas que destacavam a força e a superioridade do povo alemão, e as vitórias da seleção nacional serviam para reforçar a imagem de uma Alemanha renascida como potência mundial. Deste modo, é possível dizer que a DFB foi reformulada à imagem do partido, ligando os ideais nazistas ao futebol.

A propaganda nazista relacionada ao futebol, ultrapassou os limites dos campos e se estendeu para o a convivência dentro do Estado. Além dos clubes, jogos e competições que já representavam uma grande influência sob a população alemã, através do futebol e da reestruturação nazista dentro do DFB e o esforço de unir todos os programas e instituições de futebol juvenil ao partido, em 1934 o regime nazista passou a ser inserido no dia-a-dia dos jovens alemães. Em seu texto, Merkel (2007, p. 183-184) afirma que o futebol juvenil foi rigorosamente controlado e observado pelo regime nazista, que a partir de 1934, exigia que todas as organizações para jovens fossem centralizadas e submetidas à Juventude Hitlerista. Desde abril de 1933, a DFB integrou a federação novas diretrizes para o futebol juvenil, incentivando os clubes a apoiar o “renascimento nacional alemão” ao expandirem suas atividades destinadas aos jovens. Na prática, isso incluía a incorporação atividades físicas e esportivas diversificadas como caminhadas, marchas, tiro e outros exercícios militares no treinamento de futebol, com a finalidade de desenvolver disciplina, senso de união e habilidades úteis para fins militares, que anos mais tarde viriam a ser necessárias. Merkel cita que anteriormente a reestruturação da federação, a DFB conferia a gestão do futebol juvenil a subdivisões regionais, mas em 1934, Hans von Tschammer und Osten, em nome de Hitler e da NSDAP, ordenou que todas essas subdivisões fossem integradas à Juventude Hitlerista. A DFB aceitou essa reorganização sem resistência, pois as duas organizações compartilhavam valores e objetivos educacionais semelhantes, pois assim como o alto escalão do regime nazista, Wilhelm Erbach, dirigente importante para a DFB e responsável pelo futebol juvenil, via o esporte como uma ferramenta ideal para moldar uma geração de jovens obedientes e leais a

Hitler, que associassem os ideais nazistas ao futebol desde cedo e que estariam dispostos a servir à “causa alemã”, sendo dedicados à “raça e ao povo” alemão.

Contudo, além disto a propaganda nazista presente no futebol também facilitou a disseminação dos discursos antissemitas do regime dentro do âmbito dos esportes. Os atletas não apenas foram utilizados como exemplos do corpo ariano perfeito, do espírito nacional alemão superior a todas as outras raças, como também o futebol serviu para concretizar a discriminação racial contra judeus, ciganos e etc. Segundo D’anieri (2018, p. 5) e Merkel (2007, p. 20), no território alemão, a marginalização e isolamentos dos judeus dentro do esporte começou assim que Hitler assume o poder do Terceiro Reich, proibindo a população judaica de usar instalações esportivas públicas e competir contra equipes alemãs. Ainda em 1933, a DFB declarou que judeus não eram aceitáveis em posições mais altas dentro das instituições e clubes de futebol, incentivando clubes regionais a excluir esses grupos de seus times e competições.

Entretanto, com o avanço das políticas nazistas, em novembro de 1938, os esportes praticados por judeus foram oficialmente “extintos”. A partir deste momento as práticas esportivas lhes estavam proibidas. No decorrer deste período, os judeus foram excluídos de grande parte das áreas sociais e políticas do Reichstag, porém a exclusão do futebol era especialmente mais dolorida, pois apagava parte da identidade coletiva do povo judeu, que enxergava nos clubes esportivos judaicos um espaço seguro para práticas de sua expressão cultural e religiosa.

Figura 9 - Cartão postal da década de 1930 mostrando um exilado judeu russo estereotipado como uma bola de futebol sendo expulso do mundo.



Fonte: United States Holocaust Memorial Museum, disponível no livro “Soccer Under The Swastika” de Kevin E. Simpson (2016, p. 169).

4.2.2 Campeonatos internacionais, Olimpíadas e imposição de valores nazistas

O regime nazista utilizou o futebol, não apenas para promover sua política interna na Alemanha, mas também como um instrumento para a sua aceitação internacional após as tensões resultantes da Primeira Guerra Mundial. As propagandas iniciais provenientes dos esportes e do futebol, foram pensadas para romper o isolamento cultural imposto por outros países, principalmente os que lutaram contra o país na Grande Guerra.

Embora inicialmente céticos após a Primeira Guerra Mundial, os nazistas logo reconheceram o valor do futebol. Ainda em 1933, o futebol já estava sob o controle total do NSDAP, e qualquer ação ou decisão que fosse tomada a favor do esporte deveria passar pela aprovação do governo. Assim, o regime começou a supervisionar as equipes de futebol tanto em competições nacionais como em competições internacionais. Entretanto, os jogos internacionais no início do regime se mostraram mais importantes para a imagem de Hitler e seu partido, em suas missões externas. Deste modo, por exigência do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, alguns protocolos deveriam ser seguidos pelos clubes e jogadores em favorecimento do nazismo. De acordo com Simpson (2016, p. 43), entre os protocolos exigidos constava que o hino nacional fosse tocado em todos os jogos internacionais, sempre sob a bandeira com o símbolo da suástica, e além disto, os jogadores deveriam obrigatoriamente saudar Hitler antes das partidas. Essas medidas buscavam reforçar a unidade patriótica presente no regime nazista, enquanto promoviam seus símbolos políticos e ideológicos para o público estrangeiro.

Apesar de o regime nazista utilizar o futebol como uma ferramenta de propaganda, logo compreendeu que os resultados nas competições esportivas são imprevisíveis. A seleção alemã nem sempre retornaria ao país com vitórias, apesar das mensagens propagadas pelo Reichstag dizerem o contrário. As derrotas consecutivas poderiam gerar questionamentos sobre a eficácia do esporte como instrumento de política internacional, além de serem interpretadas como sinais de fraqueza racial. No entanto, em situações de vitórias constantes, o futebol passaria a ser visto como um meio ideal para reforçar a ideia de superioridade da "raça ariana".

Dessa forma, determinados jogos ou eventos esportivos foram utilizados como importantes ferramentas de propaganda política pelo regime nazista, mesmo quando a seleção alemã não atendeu às expectativas de Adolf Hitler e de seu governo. Entre esses jogos, destacam-se:

- 1933: França X Alemanha.

Em 19 de março de 1933, a Alemanha disputou sua primeira partida internacional de futebol contra a França, em Berlim, em meio a pedidos de boicote e receios de violência por parte da população francesa. A seleção francesa foi recebida no país de forma entusiástica, recebendo aplausos dos mais de 55 mil torcedores que se encontravam no estádio antes do início da partida. Segundo jornalistas presentes durante o jogo, o comportamento do público alemão foi respeitoso, demonstrando apoio a ambas as equipes. Notaram também que a torcida ouviu o hino nacional francês com respeito e entusiasmo, o que foi usado como a perfeita campanha de política externa naquele momento. Além disso, para o agrado de Hitler, o presidente da Federação Francesa de Futebol, Jules Rimet, ficou tão impressionado com a recepção que, após o jogo, comprometeu-se a suavizar as tensões na França e a falar positivamente sobre a Alemanha nazista (SIMPSON, 2002, p. 43).

- 1935: Alemanha X Inglaterra

Após a Copa do Mundo de 1934 e a conquista do terceiro lugar na competição, a Alemanha buscava aumentar o prestígio de seu futebol para o mundo. Confiante de que poderiam enfrentar seleções de qualquer país, para provar sua superioridade, o time alemão buscava pela supremacia ariana dentro do cenário internacional de futebol. Para o regime nazista, esses jogos não eram apenas amistosos esportivos, mas sim batalhas simbólicas de poder, prestígio e influência dentro da Europa, e em seus encontros com a Seleção Inglesa de futebol, este sentimento se tornava ainda mais radical

Em 4 de dezembro de 1935, as seleções da Inglaterra e da Alemanha se enfrentariam novamente em uma partida de futebol, entretanto, esta partida possuía uma forte conotação política. Em campo já não se encontrariam apenas dois clubes de futebol representantes de seus respectivos países, mas sim duas nações que durante a Grande Guerra lutaram em lados opostos, e que no atual momento, se encontravam em polos opostos da política mundial. Para aqueles que assistiam e para aqueles que jogavam, esta disputa era a chance perfeita de desafiar abertamente o fascismo ou a democracia. Enquanto líderes do futebol britânico acreditavam que o esporte poderia servir como um instrumento de paz, o lado alemão acreditava que o jogo seria a perfeita munição para a máquina de guerra nazista.

De acordo com Simpson (2016, p. 74-75), desde a chegada da comissão alemã de futebol em Londres, foram feitos esforços para desvincular a imagem da seleção alemã do regime nazista. Era importante para o DFB que naquele momento não fosse feita qualquer ligação do futebol com o governo. Por trás dos panos, a importância política do jogo para Hitler era

inquestionável, cada passo dado em Londres foi planejado para fortalecer a ideia de que o país não estava sobre um regime totalitário severo, mas sim sob um governo disposto a unificar e fortalecer a sociedade alemã. Todavia, os símbolos nazistas estavam presentes a todo momento, desde a bandeira portando a suástica e o hino nazista tocando dentro do estádio, os jogadores alemães realizaram a saudação a Hitler durante o hino nacional alemão, mas mantendo fora de seus uniformes os símbolos nazistas, como foi solicitado pelos anfitriões.

Após o fim do jogo e uma vitória de 3x0 para a seleção inglesa, o partido nazista surpreendentemente não se encontrava tão afetado pela derrota, porém mesmo não conquistando o resultado ideal para aquela tarde, o NSDAP obteve algo ainda maior: o fortalecimento da imagem do Terceiro Reich dentro da Inglaterra, e conseqüentemente dentro do cenário mundial. Ao fim do dia, as declarações feitas pela DFB foram aceitas como verdades, para os ingleses era preferível ignorar que foram usados como uma campanha a favor do nazismo, e acreditar que o futebol alemão realmente não tinha laços políticos com o regime totalitário de Adolf Hitler.

Para os dirigentes alemães, a visita à Inglaterra não fora de todo ruim. Ninguém acreditava seriamente que os ingleses pudessem ser derrotados em casa. Em compensação, abria-se a possibilidade de o time inglês retribuir a visita, o que seria bastante interessante para a política internacional de Hitler no momento em que começava a redefinir a ordem internacional estabelecida em Versalhes ao final da I Guerra Mundial (AGOSTINO, 2002, p. 66).

- 1936: Jogos Olímpicos de Berlim

Um dos grandes objetivos para os Jogos Olímpicos de Berlim era aumentar a influência do regime tanto dentro do país quanto no exterior, utilizando o futebol, como uma ferramenta de propaganda. O evento também foi utilizado como uma demonstração de poder, com o partido nacional-socialista usando o futebol para fortalecer a união nacional e a lealdade ao regime, enquanto procurava obter o apoio de outras nações.

O futebol como a maior modalidade de esportes nos Jogos de 1936, foi visto como uma possível vitrine para demonstrar poder do regime. No entanto, apesar de fazer uma estreia brilhante ao vencer a seleção de Luxemburgo por 9-0, o país foi eliminado logo na segunda rodada dos jogos de futebol, sendo derrotado pela Noruega por 2-0. Porém, no estádio se encontrava a pessoa mais importante para o Terceiro Reich, Adolf Hitler. Ao ver a derrota de perto, “um Hitler “furioso”, segundo o relato de Goebbels, percebendo que os alemães seriam

inevitavelmente eliminados, deixou o estádio poucos minutos antes de a partida terminar” (AGOSTINO, 2002, p. 67). Supostamente, este foi o último jogo que Hitler assistiu.

As seleções representavam as cores da nação; uma nova identidade se criava ou reforçava, pois o século XIX assistiu a uma onda nacionalista e a um período de unificações que se estendeu ao século seguinte. Os enfrentamentos entre selecionados se tornavam arremedos de batalhas em que a honra nacional estava em jogo, e quando ocorria uma derrota vexatória, os atletas maculavam a imagem do país e podiam ser penalizados pelos governantes (SALUN, 2012, p. 4).

- 1938: Alemanha X Inglaterra

Conforme o texto de Simpson (2016, p. 88-89) anteriormente a ascensão do partido nazista ao poder, a seleção alemã de futebol disputava cerca de quatro partidas internacionais de futebol por ano. Todavia, após 1933, este número foi aumentando consideravelmente a cada ano, refletindo a crescente influência e aceitação política da Alemanha e do partido em escala mundial. Ao longo da década de 1930, a Alemanha passou a ser vista como uma força crescente no futebol internacional, resultado de uma grande campanha de fortalecimento do cenário futebolístico dentro da Alemanha, e de uma propaganda política que visava atenuar suas relações diplomáticas com países como a Inglaterra. Mesmo em um momento extremamente delicado politicamente, uma nova disputa entre as seleções da Alemanha e da Inglaterra viria a acontecer em 1938, em Berlim. Assim como o jogo disputado em 1935, para o regime nazista esta era uma grande oportunidade de ultrapassar os limites do esporte e considerar a partida como o instrumento de propaganda política que ela deveria ser, e desta vez, o governo europeu até certo ponto, também tratou este jogo como uma reunião diplomática dentro de um estádio alemão.

Para o jogo, a seleção alemã se encontrava em um ótimo período de suas disputas, obtendo 23 vitórias em 29 jogos disputados até o momento. Além de agora contar com uma quantidade razoável de jogadores austríacos do renomado Wunderteam em seu time, em vista da Anschluss (anexação) da Áustria ao território alemão em 13 de março daquele mesmo ano, o que aumentou ainda mais as esperanças da população alemã, de que este jogo traria resultados diferentes, o que não ocorreu. Em campo, a Inglaterra venceu por 6-3, um resultado decepcionante para o regime nazista, visto como um fracasso simbólico para a sua imagem de superioridade física sobre as outras “raças”. O regime de Hitler, que vinha utilizando o futebol como ferramenta de propaganda, mesmo com a derrota, acabou saindo como o governo vitorioso por conta de uma propaganda não tão bem planejada.

É possível dizer que impacto político deste jogo foi duradouro e importante para a Alemanha nazista, tendo em vista que um dos aspectos mais polêmicos de toda esta visita da seleção inglesa a Berlim ocorreu antes mesmo do jogo ser iniciado. Segundo Simpson (2016, p. 89-91), sob pressão de retribuir a generosidade de 1935 e de amenizar as tensões antes do jogo, alguns diplomatas britânicos e da Federação Inglesa de Futebol (FA), instruíram os jogadores ingleses a realizar a saudação nazista ao cumprimentar a multidão em Berlim, um gesto que significaria a submissão ao regime de Hitler, mesmo que de forma não intencional. Mesmo com possíveis rejeições e descontentamentos por parte de alguns jogadores, aqueles presentes em campo realizaram o ato.

Para a insatisfação daqueles que demandaram a saudação, fotografias e notícias desse momento foram amplamente divulgadas em jornais britânicos. Curiosamente, ao contrário do que se esperaria anos mais tarde, alguns jornalistas ingleses interpretaram o gesto dos jogadores como uma possível estratégia de propaganda positiva, visando aliviar as tensões entre os dois países naquele contexto. Contudo, essa percepção foi alterada nos anos seguintes, conforme o regime nazista se tornava mais opressor e as lembranças da guerra influenciavam de forma negativa a percepção do futebol daquele período.

A partida chamou especial atenção de Goebbels, que considerava este encontro o mais importante embate futebolístico da história do país, uma verdadeira questão de honra para os alemães. [...] Viriam então as tão discutidas questões protocolares. Diante da expectativa de todo o estádio, tão logo foram entoadas as primeiras notas do hino inglês, os jogadores ingleses ergueram o braço em direção ao camarote do ausente Führer, onde Henderson se via cercado pela cúpula nazi: Rudolph Hess, Goebbels, Göring e von Ribbentrop (AGOSTINO, 2002, p.79).

Figura 10 - 1938: Seleção inglesa em jogo amistoso de futebol contra a seleção alemã, reproduzindo a saudação nazista em frente ao público presente.



Fonte: Imagem presente no livro “Vencer ou Morrer” de Gilberto Agostino (2002, p. 49)

Figura 11 - 1938: Seleção inglesa em jogo amistoso de futebol contra a seleção alemã, reproduzindo a saudação nazista em frente ao público presente



Fonte: Imagem presente no livro “Soccer Under The Swastika” de Kevin E. Simpson (2016, p. 178)

4.3 FUTEBOL FORA DOS ESTÁDIOS E DENTRO DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

4.3.1 Futebol em tempos de guerra: como as partidas de futebol durante a Segunda Guerra Mundial foram utilizadas para fins de propaganda do Terceiro Reich

Durante os anos da Segunda Guerra Mundial, o regime nazista aproveitou novamente a ampla popularidade do futebol para promover seus interesses. Compreendendo que uma guerra não seria vencida apenas nos campos de batalha, o governo nazista buscou manter uma aparência de tranquilidade e normalidade no território alemão. Para tanto, utilizou-se de partidas frequentes de futebol como uma estratégia para desviar a atenção da população dos desafios enfrentados pelo Terceiro Reich nos combates.

Após o início da Segunda Guerra Mundial, o futebol na Alemanha foi drasticamente interrompido devido ao recrutamento militar de jogadores e à escassez de recursos. Contudo, o governo nazista, buscando manter o moral da população, passou a adotar novamente o futebol

como um meio de propaganda. Assim como os romanos antigos, que usavam o “pão e circo” para distrair o povo, o regime de Hitler utilizou o esporte para reforçar a imagem de que, apesar da guerra e das invasões aos países europeus, a Alemanha mantinha-se forte, unida e com a ordem interna intacta. Durante este período, a DFB organizou jogos internacionais, principalmente contra seleções de países aliados, com o objetivo de mostrar ao mundo a aparente normalidade do regime em tempos de guerra. Ao mesmo tempo que a DFB organizava a continuidade do futebol internacional, dentro da Alemanha, clubes como o Schalke 04 se destacaram no cenário do futebol doméstico, tornando-se símbolos do poder do regime nazista e parte da máquina de propaganda do governo, com seu time e seus jogadores sendo usados como ícones da força militar e da unidade nacional. Assim, o futebol na Alemanha, tanto em nível nacional quanto internacional, teve um papel crucial na manutenção do moral da população, distraindo os cidadãos alemães das dificuldades causadas pela guerra.

O rádio, uma das principais ferramentas da propaganda nazista, teve um papel essencial na promoção do futebol, com locutores incentivados a usar termos militares ao narrar as partidas. Frequentemente, eram os comentaristas esportivos, através dos alto-falantes nos estádios, que anunciavam as vitórias militares do regime (AGOSTINO, 2002, p. 80).

No entanto, com o avanço do conflito, as competições esportivas começaram a ser suspensas, refletindo o impacto direto da guerra sobre o futebol. “As partidas internacionais envolvendo a seleção alemã chegaram ao fim no final de 1942, sob a direção de Goebbels. O futebol doméstico continuou como se nada na vida cotidiana do cidadão comum tivesse mudado.” (SIMPSON, 2016, p. 59, tradução nossa).

Contudo, de acordo com Simpson (2016, p. 60), em 18 de fevereiro de 1943, Goebbels anunciou o fim das competições internacionais após derrotas na Frente Oriental e a intensificação da “Guerra Total” por parte dos alemães. Apesar das adversidades enfrentadas pela população, o futebol ainda era praticado para manter parte da “normalidade” no Terceiro Reich, até mesmo sendo praticado em campos de concentração, embora de forma distorcida e com intenções diferentes por parte do regime. Porém, a guerra havia chegado em um momento onde o território alemão também já não era mais tão seguro, diversos bombardeios atingiam as cidades, e por mais que o governo tentasse demonstrar através do esporte que a guerra estava sob controle, a realidade das constantes perdas de familiares e conhecidos no front mostrava que nem tudo estava de acordo com os discursos proclamados pelos governantes. E refletindo o inevitável fim da Alemanha nazista durante a guerra, o futebol chegou a sua pausa definitiva

para o regime em 1944, com o fim dos últimos campeonatos nacionais ainda jogados por clubes como DSC Dresden e o Luftwaffe Hamburg, que disputaram sua última partida daquele período no Olympiastadion de Berlim, visto por um público de 75 mil espectadores e marcando o desfecho iminente do regime nazista.

O futebol teve uma função importante para os nazistas quando as dificuldades nos campos de batalha começaram a se intensificar para as forças alemãs. Nesta hora, o noticiário esportivo cumpriu o papel de preencher diversos espaços, evitando a divulgação de notícias sobre os desgastes da máquina de guerra. Quando o curso do conflito virou definitivamente em favor dos Aliados, cabia-lhe ocultar as derrotas militares. Ao mesmo tempo, os ingressos para as partidas eram vendidos mais em conta do que em tempos de paz, estimulando o “consumo” do esporte. O rádio, por sua vez, ganhou uma programação especial para a divulgação de questões referentes aos jogos amistosos da seleção e dos campeonatos locais. No momento em que a guerra interrompeu as competições internacionais, era crucial que diversas partidas fossem realizadas em toda área dominada pelos alemães, procurando demonstrar a superioridade do invasor (AGOSTINO, 2002, p. 81).

- Futebol em tempos de guerra: filme nazista “*Das große Spiel*”

Assim como ocorreu em diversas outras produções cinematográficas durante o regime nazista, o futebol não foi poupado da utilização como ferramenta de propaganda. Em 1942, no contexto da Segunda Guerra Mundial, foi produzido o filme de propaganda “*Das große Spiel*” (“O Grande Jogo”). Essa obra retrata, de maneira fictícia, uma partida entre o Schalke 04 e o Rapid Vienna, realizada durante a invasão da União Soviética em 1941. Conforme o texto de Simpson (2016, p. 62), o filme narra a história do clube fictício Gloria 03, uma equipe local composta por membros da classe trabalhadora alemã. Embora a produção busque não se apresentar de forma explícita como uma obra de propaganda nazista, ela insere, em sua narrativa, a ideia de uma Alemanha superior, nacionalista e unificada, com uma cultura homogênea compartilhada por todos. Dentro desse contexto, o clube Gloria 03 conquista títulos nacionais, sendo retratado como um símbolo heroico para a população, de maneira semelhante à forma como o regime nazista e o próprio Hitler se consideravam “heróis” na história da Alemanha.

4.3.2 Jogo Da Morte e a propaganda política negativa para a Alemanha nazista.

Durante a ocupação nazista na Ucrânia, especialmente na cidade de Kiev, a propaganda nazista esteve profundamente inserida no cotidiano da população local. Nesse contexto, o futebol foi instrumentalizado como uma extensão da dominação nazista, configurando uma tentativa de oferecer uma falsa sensação de normalidade e comodidade aos residentes. O Terceiro Reich, em parceria com o exército alemão, promoveu a criação de competições domésticas, envolvendo jogadores ucranianos ainda aptos a competir e militares germânicos em busca de entretenimento durante a ocupação de Kiev. Paralelamente, os alemães empenharam-se na reestruturação da infraestrutura industrial e na reabertura de padarias para abastecer tanto as tropas quanto a população local. Nesse esforço, a Padaria Número 3, situada na Rua Degtyarevskaya, foi a primeira a retomar suas atividades.

Nesse cenário, por meio de contatos entre ex-jogadores de equipes extintas, foi formado, na Padaria Número 3, um grupo de homens desprovidos de equipamentos adequados e sem número suficiente de atletas para compor um time completo, mas que mantinham o desejo e a habilidade para praticar o futebol em meio à guerra. Esse grupo deu origem ao F.C. Start, fundado em 1942, composto por ex-jogadores profissionais de equipes notáveis como o Dínamo de Kiev e o Lokomotiv. Entretanto, o futebol, apresentado como entretenimento na Kiev ocupada, tinha um propósito mais sombrio para o regime nazista: pacificar a população local enquanto os nazistas implementavam suas políticas de deportação e extermínio. Em 7 de junho de 1942, os alemães anunciaram o início de uma nova temporada de futebol, e o F.C. Start foi designado para enfrentar o Rukh, uma equipe nacionalista ucraniana. (DOUGAN, 2004, p. 118-133)

Nas semanas seguintes, o F.C. Start disputou duas partidas adicionais, vencendo as duas com uma diferença considerável de gols marcados em relação aos seus oponentes. Desta forma, com estas vitórias, o clube rapidamente conquistou o apoio e a admiração dos residentes de Kiev. E apesar da indiferença inicial das autoridades alemãs em relação à organização dos jogos, agora as partidas vespertinas, com entrada a cinco rublos, tornaram-se eventos populares. O jornal local que inicialmente omitia o F.C. Start de suas publicações, após a grande vitória contra o time militar alemão PGS não pôde mais ignorar o impacto do time na cidade ocupada.

Os alemães estavam satisfeitos por terem deixado o futebol a cargo das autoridades civis. Até então, o Start tinha se mostrado popular, mas suas três vitórias haviam sido

contra equipes de outros territórios vencidos, portanto nada havia que causasse preocupação. Isto, contudo, mudaria no jogo seguinte, marcado para a sexta-feira 17 de julho de 1942, quando o Start enfrentou o PGS, um time de uma unidade militar alemã, dando-lhe uma surra de 6x0 (DOUGAN, 2004, p. 125).

De acordo com Simpson (2016, p. 106-108), os representantes do regime nazista em Kiev, diante da crescente popularidade do F.C. Start e de suas vitórias significativas contra clubes alemães, não puderam mais ignorar o impacto da equipe. O sucesso do time, especialmente entre os círculos comunistas da cidade, passou a ser visto como uma ameaça. O F.C. Start, com seu desempenho invicto, tornou-se um símbolo de resistência, alimentando as esperanças de muitos ucranianos, o que gerava uma preocupação crescente nas autoridades nazistas. Intolerantes e prontas para reprimir qualquer manifestação de rebelião, essas autoridades reconheciam que o sucesso do F.C. Start poderia vir a incentivar a população local e conseqüentemente enfraquecer o controle do regime sobre Kiev. Nesse contexto, com a intenção de mostrar de uma vez por todas a superioridade alemã para a população, foi marcada uma partida considerada como o confronto decisivo: o melhor clube de Kiev, contra o time alemão mais forte da Ucrânia, o Flakelf. O Flakelf, até aquele momento, mantinha-se invicto, portanto, a convocação do clube pelos nazistas tinha como objetivo extinguir qualquer sinal de inspiração que o F.C. Start representava, uma vez que o regime buscava refletir a derrota do comunismo soviético também em campo. Deste modo, a partida foi marcada para o dia 6 de agosto de 1942, sendo considerada uma tentativa de neutralizar o impacto simbólico e político que o clube ucraniano exercia sobre a cidade e a resistência local.

Contudo, durante a partida, apesar de enfrentar condições físicas desfavoráveis, o F.C. Start ainda possuía o essencial para um grande time: técnica e talento, o que foi refletido na vitória contra o clube alemão. Porém, os nazistas não aceitariam uma derrota tão facilmente, através de cartazes e panfletos espalhados pela cidade, o regime anunciou uma partida revanche marcada para o dia 9 de agosto, poucos dias após o primeiro confronto direto entre ambas equipes. Esta revanche, conhecida como o "jogo da morte", teve um resultado trágico para os jogadores do F.C. Start, que foram enviados para campos de concentração dias após o fim da partida. O clima antes do início da partida, entre os espectadores e os jogadores dentro de campo era de nervosismo e ansiedade, sem saber o que uma nova vitória do Start poderia desencadear.

A tensão também repercutiu no vestiário do F.C. Start. Como todo mundo, os jogadores sabiam exatamente o quanto esse jogo havia se tornado importante. Quaisquer dúvidas sobre as intenções dos alemães foram rapidamente dispersadas quando alguém bateu na porta. Anos mais tarde, Makar Goncharenko ainda podia se recordar do homem que entrou. Ele era, segundo o atacante do Start, alto e careca e

usava um uniforme da SS. Duas coisas ficaram gravadas na memória de Goncharenko: a primeira delas eram suas maneiras impecáveis, e a segunda era que ele falava russo impecavelmente. “Sou o juiz do jogo de hoje”, declarou o homem. Ele falava lentamente, sem elevar a voz, pronunciando cuidadosamente cada sílaba. “Sei que o time de vocês é muito bom. Por favor, sigam as regras, não infrinjam qualquer regra, e antes do jogo cumprimentem seus adversários à nossa maneira.” (DOUGAN, 2004, p. 141-142).

Em seguida, durante o intervalo do primeiro tempo no vestiário, o clube recebeu a visita de um segundo oficial da SS, transmitindo uma mensagem parecida com a primeira. No entanto, o time ucraniano manteve sua superioridade em campo ao longo do segundo tempo, mesmo ciente do que uma vitória significaria após o fim da partida. O F.C. Start continuou a dominar o jogo, e, apesar de ambos os times terem gerado gols, o placar final foi de 5 a 3 para o Start, o que gerou grande desagrado entre os representantes do regime nazista. Todavia, nos dias seguintes à partida, agentes da Gestapo se dirigiram até a padaria onde os jogadores se reuniam e os convocaram individualmente para o escritório do dono. À medida que cada atleta era levado ao escritório, o desaparecimento dos jogadores, um por um, para um carro esperando na rua, deixou evidente a gravidade da situação. Da padaria, os jogadores foram então transportados para a sede da Gestapo e, após serem separados em celas distintas, foram submetidos a constantes torturas e interrogatórios. E enquanto um dos jogadores morreu durante o interrogatório, os demais foram enviados para o campo de concentração de Syrets, em Babi Yar (DOUGAN, 2004, p. 158-160). Segundo o texto de Simpson, as condições dos prisioneiros nesse campo eram...

Todos os prisioneiros, especialmente os conhecidos jogadores de futebol do FC Start, viviam sob a constante ameaça de morte iminente. As execuções eram agendadas duas vezes por semana, às sextas e sábados, especialmente para os prisioneiros pegos tentando escapar. O comandante Radomsky estava sempre presente nessas execuções e, tipicamente, vinte e cinco prisioneiros escolhidos aleatoriamente eram executados. Os companheiros de equipe do Start, antes saudáveis, começaram a parecer cada vez mais desnutridos à medida que suas roupas desgastadas se tornavam trapos que cobriam corpos esqueléticos (SIMPSON, 2016, p. 116, tradução nossa).

Durante o período em que os jogadores ficaram como prisioneiros no campo de concentração, as rebeliões em Kiev se intensificaram, o que não agradou o comandante alemão responsável por Syrets. Deste modo, ao tomar conhecimento do ataque, Radomsky – o comandante -, ordenou que, a cada três prisioneiros, um fosse executado por fuzilamento. Infelizmente, em um destes fuzilamentos, três jogadores do F.C. Start vieram a ser executados: Kuzmenko, Klimenko e Trusevich. Ao contrário do mito do “Jogo da Morte”, disseminado pela União Soviética nos anos subsequentes à guerra, apenas quatro membros do F.C. Start faleceram durante aquele período. No entanto, essa história não possuía o mesmo apelo

inspirador da narrativa que se tornaria amplamente conhecida, e utilizada como uma poderosa ferramenta de propaganda, exaltando o heroísmo e a resiliência do povo de Kiev durante a invasão alemã.

Em seu livro, “Futebol e Guerra”, Andy Dougan apresenta o que foi considerado durante anos como a história oficial do clube F.C Start

E finalmente surgiu a lenda do Jogo da Morte. Segundo essa lenda, os bravos jogadores do Dínamo lutaram corajosamente contra os invasores alemães, mas não conseguiram escapar ao cerco da cidade. Seu amor ao futebol era tanto que, mesmo vivendo sob o jugo opressor dos nazistas, não pararam de jogar. Todos os 11 componentes da equipe foram colocados na mesma fábrica e jogavam quando podiam. Eles eram tão bons no futebol que não só seus colegas, operários da fábrica, esqueciam-se da guerra ao vê-los jogar, como os alemães também ficavam deslumbrados por sua habilidade com a bola. Tão deslumbrados, de fato, que lhes ofereceram um lugar para jogar e mesmo um time para disputar com eles. No dia do jogo o estádio ficou lotado, com mais ucranianos do que alemães. Foi um clima de carnaval e o Start — nome que o time de Kiev adotou — venceu facilmente. Os alemães ficaram muito desgostosos e pediram outro jogo. Também advertiram os jogadores do Start que, embora eles tivessem se saído bem, deviam lembrar-se de quem estava no comando, e de que as coisas ficariam mal se ganhassem novamente. O segundo jogo foi disputado no dia seguinte. Desta vez, os alemães estavam muito menos satisfeitos e a todo momento cometiam faltas contra os jogadores do Start, faltas estas que o juiz fingia não ver e não marcava. Entretanto, os jogadores de Kiev não se atemorizaram. A despeito da fome e perto da exaustão, eles jogaram melhor do que nunca e venceram por 4x2. O juiz apitou o final do jogo antes do tempo regulamentar e a multidão ficou enfurecida. Quando os jogadores do Start estavam deixando o campo foram cercados pela polícia local que os enfiou em um caminhão e os levou para Babi Yar, onde foram fuzilados ainda com seus uniformes (DOUGAN, 2004, p. 185).

Além da lenda, a história real afetou a ideologia nazista de modo que ninguém presente em Kiev poderia imaginar. Ao ignorar novamente o fato de que futebol é um esporte imprevisível, e conseqüentemente uma propaganda não 100% confiável, Hitler e o regime nazista viram sua teoria de superioridade racial sendo novamente, após os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936, desmoralizada aos olhos de milhares de espectadores, “Hitler foi prejudicado pelo atleta negro americano Jesse Owens [...] Agora, mais uma vez...a doutrina do Führer fora contestada por um time meio faminto de um povo supostamente vencido” (DOUGAN, 2004, p. 135).

Figura 12 - Jogadores do clube de futebol F. C Start.



Fonte: Imagem presente no livro “Futebol e Guerra” de Andy Dougan (2004, p. 10).

4.3.3 Futebol em Theresienstadt: Liga Terezín e a produção do filme propaganda *Der Führer schenkt den Juden eine Stadt* (Hitler constrói uma cidade aos judeus).

Em 24 de novembro de 1941, os nazistas estabeleceram um campo de concentração destinado aos judeus da República Tcheca. Ao longo dos pouco mais de três anos de existência do que foi denominado o “campo de concentração modelo” de Hitler e da NSDAP, aproximadamente 140 mil pessoas passaram por ali. Localizado na cidade de Theresienstadt (Terezín, em tcheco), o gueto-campo se tornaria um caso singular na história do Holocausto, ao apresentar ao mundo uma falsa imagem de benevolência nazista disfarçada para enganar a opinião pública.

O futebol, no contexto de Theresienstadt, assume um papel significativo não apenas como uma estratégia de sobrevivência, mas também como uma tentativa de restaurar uma ordem mínima e uma autoridade moral dentro dos limites impostos pelas circunstâncias extremas do gueto. O esporte funcionava dentro do campo como uma forma de resistência simbólica, oferecendo aos prisioneiros uma maneira de resgatar sua dignidade e reorganizar suas vidas dentro das restrições impostas pelos nazistas. Neste sentido, de acordo com Simpson (2016, p. 284), o esporte, assim como a arte e a música e etc., desempenhou um papel inspirador aos judeus, trazendo esperança e resiliência aos milhares de prisioneiros em Theresienstadt. Entre as atividades culturais e esportivas, o futebol foi a que alcançou o maior número de praticantes e expectadores, independentemente da idade. No entanto, a chegada de novos prisioneiros a Terezín teve efeitos devastadores, ao fim de 1942, ano mais mortal na história do gueto-campo, os nazistas começaram a ceder à pressão internacional por inspeções realizadas

por terceiros, particularmente da Cruz Vermelha Internacional. Foi nesse contexto que surgiram as primeiras ligas de futebol organizadas em Terezín, e rapidamente a SS reconheceu que o futebol não era apenas apreciado pelos habitantes do gueto, mas também por pessoas ao redor do mundo.

Como Terezín desempenhou um papel único no esforço de propaganda nazista para encobrir seus atos assassinos na Europa, o futebol ali adquiriu uma importância muito maior do que o futebol jogado em Westerbork. Chamado de Liga Terezín, o campeonato de futebol no gueto oferecia aos recém-chegados um vislumbre de esperança no que muitas vezes era a última parada antes de Auschwitz. No gueto-campo de Terezín, encontramos novamente o embate entre o opressor nazista e a vítima judia, em uma cidade fortaleza construída durante o Império Austro-Húngaro. E, no pátio próximo a um dos quartéis desse gueto-campo, nasceu um campo de futebol coberto de poeira (SIMPSON, 2016, p. 276, tradução nossa).

No entanto, ao mesmo tempo em que surgia a oportunidade de os prisioneiros praticarem o esporte de maneira autorizada pela SS, e que, a partir de vitórias em competições, poderiam ser gerados benefícios em um ambiente tão insalubre, para os judeus aptos a participarem da Liga, persistia a reflexão de que, ao desempenharem o papel de jogadores "profissionais" dentro de Terezín, estariam, de alguma forma, contribuindo para a manutenção da ilusão internacional de que aquele campo de concentração representava o "paraíso" para o qual os nazistas enviavam os judeus da Europa.

Os alemães apresentaram ao mundo a imagem de Theresienstadt como um santuário para judeus proeminentes. No entanto, Theresienstadt teve uma taxa de mortalidade equivalente à dos campos de concentração do Reich, como Buchenwald e Dachau. Entre os rostos famosos de Theresienstadt estavam alguns dos jogadores de futebol mais notáveis da Europa Central, que logo perceberam que tinham a oportunidade de calçar suas chuteiras novamente. Mas cada um enfrentaria um dilema moral: “Se eu jogar futebol, estarei ajudando os nazistas com suas mentiras assassinas? E se eu não jogar, certamente morrerei de fome?” As respostas deles ofereceram uma inspiração que afirmava a vida para os cativos que aguardavam para saber seu destino, um testemunho do espírito humano nos lugares mais sombrios e, um dia, uma importante testemunha de um imenso crime (SIMPSON, 2016, p. 285, tradução nossa).

Figura 13 - Tabela desenhada à mão da Liga Terezín do outono de 1943, autor desconhecido. Campeões: Köche (cozinha).

Time	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1. Köche	5:1	3:3	7:0	4:2	0:1	3:1	2:2	3:0	7:1	0:1	10:2	7:2
2. ...	2:5	2:0	2:1	0:0	4:2	0:1	2:2	3:5	7:0	7:3	4:2	9
3. ...	3:3	0:2	4:3	4:0	5:2	4:2	7:2	2:1	0:3	7:3	7:3	57:38
4. ...	6:1	4:2	3:4	3:4	4:5	7:0	4:1	7:0	3:4	4:3	7:1	40
5. ...	2:4	0:0	3:4	4:3	0:3	0:5	7:0	6:11	5:0	2:1	3:3	77
6. ...	7:0	2:4	2:0	5:4	3:0	7:2	4:3	0:0	3:2	2:5	7:3	4
7. ...	4:3	7:0	0:1	5:0	7:1	5:4	3:0	3:3	0:3	4:3	7:5	60:33
8. ...	2:2	2:0	7:0	7:4	0:1	3:4	4:5	2:5	4:0	0:2	4:4	0
9. ...	0:3	5:3	2:1	0:1	7:0	0:0	0:3	0:2	4:0	7:2	0:3	77:30
10. ...	7:1	6:1	7:2	4:5	0:5	7:3	0:4	0:4	5:3	7:2	2:1	02:37
11. ...	3:0	3:0	3:0	3:4	7:2	0:0	3:2	0:2	3:5	0:1	7	39:40
12. ...	2:1	2:4	3:2	7:1	3:3	3:1	3:4	4:4	3:0	0:1	0	32:03

Fonte: Imagem presente no livro “Soccer Under The Swastika” de Kevin E. Simpson (2016, p. 182)

Contudo, segundo Margry (1999, 145-147), nem tudo ocorreu como os planos iniciais da SS e do regime nazista para o campo de Terezín. Em 1943, diante da constante falta de informações sobre os judeus dinamarqueses deportados para o campo de concentração de Terezín, o governo da Dinamarca solicitou formalmente esclarecimentos ao governo alemão sobre as condições de vida dentro do gueto-campo. Porém, em vista da ausência de respostas por parte do regime nazista, as autoridades dinamarquesas recorreram à Cruz Vermelha Internacional, que manifestou apoio ao pedido realizado, reforçando ao governo alemão que existia a necessidade de enviar uma missão de investigação para inspecionar o local. Deste modo, em dezembro de 1943, Adolf Eichmann, um dos responsáveis pela administração do campo de concentração, autorizou a visita a Theresienstadt no ano seguinte. Todavia, para receber os representantes do governo dinamarquês, a SS deu início a um ambicioso projeto de "embelezamento" de Terezín, com o único objetivo de forjar uma imagem irreal e favorável para os visitantes, com a intenção de disfarçar as condições reais de opressão aos judeus e prisioneiros do campo. Durante os meses anteriores a inspeção, os prisioneiros tiveram de realizar todo tipo de reformas no local, como pintar fachadas, reformar prédios, decorar e organizar cada canto onde viria a acontecer o “tour” oferecidos aos dinamarqueses. Estas modificações serviriam para apresentar Terezín como um campo habitável e próspero para os judeus, ocultando as condições desumanas que revelavam a horrível realidade do lugar. Quando a visita da Cruz Vermelha Internacional finalmente ocorreu, em junho de 1944, a SS havia meticulosamente planejado cada detalhe do percurso da delegação. A rota foi organizada com precisão, com paradas programadas, com os prisioneiros sendo instruídos a encenar uma vida normal, sem transparecer o que realmente acontecia. Até mesmo, um jogo de futebol foi encenado na praça central do campo, com a finalidade de reforçar a falsa impressão de bem-estar e harmonia dentro de Terezín. Esta encenação juntamente da visita, foram utilizadas como uma estratégia de propaganda nazista, que visava ocultar as atrocidades cometidas pelo regime diante da comunidade internacional. Entretanto, no ano seguinte, em meio ao caos dos momentos finais da guerra, surgiria em Terezín a produção de um dos filmes com finalidade de propaganda política, criados pelo governo nazista, ou neste caso, pela própria SS e direção do campo de Theresienstadt.

De acordo com Bechler (2013, p. 37-39), após a primeira inspeção ao campo de Terezín, o comandante local, Adolf Eichmann, ordenou a produção de um filme de propaganda que retratava um falso cotidiano dos prisioneiros: ou seja, era esperado que no filme fosse

apresentado eles realizando atividades do dia-a-dia, como jardinagem, jogos de cartas em família, até mesmo uma partida de futebol entre os trabalhadores da "câmara de roupas" e da "assistência à juventude". Sua ordem foi atendida, e no ano seguinte, em março de 1945, foi apresentado o filme recém-produzido *Der Führer schenkt den Juden eine Stadt* (Hitler constrói uma cidade aos judeus). Entre as cenas exibidas no filme, destacava-se um jogo de futebol da Liga Terezín, competição organizada no campo de concentração. A partida realizada em 1º de setembro do ano anterior, foi uma disputa entre as equipes Jugendfürsorge (assistência à juventude) e Kleiderkammer (câmara de roupas). Curiosamente, mais de um quarto do filme foi dedicado a esse evento esportivo, e durante a filmagem da cena, centenas de crianças e prisioneiros foram posicionadas nas arquibancadas. Indo contra a realidade do campo de concentração, para a cena do futebol, todos os judeus e prisioneiros mostrados nas câmeras, aparentavam estar em boa forma, com roupas de civis, como se estivessem em um momento de lazer em um lugar calmo e seguro. Entretanto, a realidade era totalmente outra, em vista que semanas após a apresentação do filme, centenas dos judeus que apareciam em cena, foram levados e mortos em Auschwitz.

De acordo com essa narrativa, após um dia de trabalho, os prisioneiros se dirigiam ao estádio de futebol do campo, onde partidas, como a filmada, eram realizadas. Em seu texto, Simpson, descreve uma das narrações do filme propaganda durante o momento de uma partida de futebol, que no contexto da produção, era apresentado como uma das diversas opções de lazer disponíveis para os judeus neste ótimo pequeno espaço de cidade ofertado pelo Terceiro Reich:

NARRADOR: "O uso do tempo livre fica a cargo dos indivíduos. Frequentemente, os trabalhadores se aglomeram nos jogos de futebol, o maior evento esportivo de Theresienstadt."

A câmera se move pelo pátio dos antigos quartéis militares do gueto. Quase não há espaço livre nas varandas que ficam de frente para o campo de terra. Dois times são vistos correndo em direção aos quartéis. Um time usa camisas brancas com a estrela de Davi, o outro está com uniforme escuro.

NARRADOR: "Cada time tem apenas sete jogadores, devido ao espaço limitado." Os jogadores fazem aquecimento e cumprimentam o árbitro.

NARRADOR: "Mesmo assim, os fãs entusiastas assistem a um jogo animado do começo ao fim."

A partida começa, e imediatamente a habilidade dos jogadores com camisas escuras se destaca. A jogada é determinada e de alta qualidade, com os competidores se esforçando genuinamente. Passes rápidos e movimentos ágeis geram emocionantes trocas de passes. Mais tarde, um escanteio é habilidosamente cabeceado para o gol. Dois minutos se passam sem narração até que o filme muda abruptamente para cenas de instalações públicas de banho. Destacando a "higiene impecável" no gueto, uma fila de homens nus entra nas duchas (SIMPSON, 2016, p. 290-291, tradução nossa).

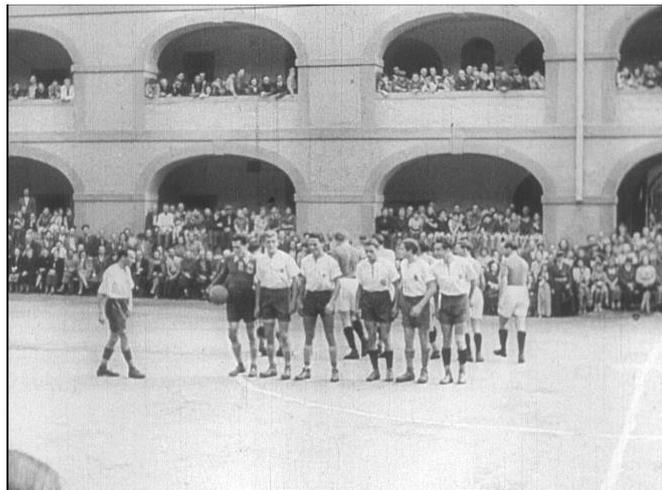
O filme propaganda dedicou quase cinco minutos a esse evento de futebol⁴, na intenção de apresentar um momento de descontração para os judeus. Porém, o verdadeiro objetivo dos nazistas era convencer o público de que o filme não era uma encenação, mas uma representação fiel da vida em Terezín, buscando assim tranquilizar a opinião pública internacional sobre as condições nos campos de concentração.

Figura 14 - Jogo de futebol da Liga Terezín durante as filmagens do filme propaganda



Fonte: Imagem presente no livro “Soccer Under The Swastika” de Kevin E. Simpson (2016, p. 184)

Figura 15 - Jogo de futebol da Liga Terezín durante as filmagens do filme propaganda



Fonte: Imagem presente no livro “Soccer Under The Swastika” de Kevin E. Simpson (2016, p. 183)

⁴ "THE FUHRER GIVES THE JEWS A CITY" WWII German Propaganda Film 19064. Vídeo. 21min47s. Publicado pelo canal PeriscopeFilm II. 12 set. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=P9V6d2Y1WjE&t=508s&ab_channel=PeriscopeFilmII. Acesso em: 15 out. 2024.

Figura 16 - Jogo de futebol da Liga Terezín durante as filmagens do filme propaganda



Fonte: Imagem presente no livro “Soccer Under The Swastika” de Kevin E. Simpson (2016, p. 184)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho era compreender como o nazismo utilizou o futebol como um instrumento de propaganda. A partir da análise de episódios específicos ocorridos durante a ascensão do Partido Nacional-Socialista na Alemanha, como as Olimpíadas de 1936 e os jogos de futebol em ligas nacionais e internacionais, foi possível observar que assim como outros esportes na época, o futebol era visto como um meio de lazer para grande parte da população, e conseqüentemente por conta de sua extrema popularidade, rapidamente entrou no radar do Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda. Deste modo, este trabalho a partir da divisão de capítulos feita neste TCC, buscou analisar a importância da propaganda no âmbito político mundial, com destaque para o futebol.

Em nosso segundo capítulo, foi abordada a importância da figura de um líder de Estado, isto de acordo com as teorias e princípios de Maquiavel e Gramsci, incluindo a relação que este suposto líder deveria ter com o poder dentro do Estado, incluindo o poder político. Além disso, para dar início a uma das temáticas principais, neste capítulo também foi abordado as relações entre os meios de comunicações e o governo, em vista de que estes meios viriam a ser necessários para o auxílio no controle do poder destes líderes.

Por conseguinte, no terceiro capítulo adentramos a Alemanha, dando contexto sobre os momentos e situações que vieram a levar Adolf Hitler e o Partido Nazista ao poder. Em meio a crises e um pós guerra complicado, a população alemã ansiava por uma figura emblemática, que resolvesse os problemas que alguns julgavam ser causados pela República e o Tratado de Versalhes, e é neste cenário que o regime totalitário se instaura no país. Entretanto, além do contexto histórico, neste capítulo também apresentamos o modo como a propaganda foi essencial para a ascensão do nazismo na Europa, com Joseph Goebbels e Hitler a frente dos planos midiáticos a cerca da figura do austríaco, e da propaganda focada em apontar os erros dos governos anteriores, em 1933, Hitler exerce seu papel como ditador, instaurando seus ideais antissemitas e anticomunistas por todo território alemão.

Através de exemplos de propagandas expostos durante o período pré-guerra, adentramos o quarto e último capítulo focado neste tema. Iniciamos este capítulo exemplificando a maneira como o esporte, como um todo, foi essencial para a propaganda política de diferentes povos e nações, o que não foi diferente para a Alemanha da década de 1930. Junto de seu ministro da propaganda, Hitler promoveu eventos esportivos e o aumento do investimento nos esportes no país, o que influenciou o modo como o esporte era visto e praticado pelos alemães. Todavia, a segunda parte deste capítulo, focada no futebol como o esporte que mais se expandiu ao mesmo

tempo em que se manteve ligado ao nazismo alemão, demonstra a grande parte da pesquisa e objetivo geral deste trabalho.

Deste modo, por meio da análise de textos, livros e materiais acadêmicos, foi identificada a importância do futebol como prática social e meio estratégico no Terceiro Reich. Assim, a nossa pesquisa evidenciou que o futebol foi incorporado ao sistema de propagandas estabelecido pelo NSDAP e Joseph Goebbels, onde foi utilizado como instrumento de propagação da ideologia nazista, incluindo o antissemitismo, de modo que a convivência da Federação Alemã de Futebol, indicaram a capacidade do controle estatal de Hitler e seu governo perante o regime totalitário.

Ao abordar episódios e eventos históricos relacionados ao futebol, foi encontrada a manipulação esportiva relacionada a este esporte, este estudo revela como futebol foi instrumentalizado com o propósito de ser utilizado como peça central em certas propagandas políticas, principalmente naquelas que almejavam confirmar e disseminar a ideologia nazista para o mundo externo, ao mesmo tempo em que garantia internamente o apoio da população. É possível dizer que o futebol ajudou a promover a imagem de uma Alemanha mais forte e unida após a Primeira Guerra Mundial, mantendo escondido dos olhares internacionais as práticas opressivas do regime. Eventos esportivos, filmes e outros meios de comunicação foram sistematicamente explorados para comprovar a grandiosidade da Alemanha nazista, mesmo durante a Segunda Guerra Mundial e o genocídio de judeus, ciganos, etc...

Dessa forma, o estudo deste TCC evidencia que futebol, com sua capacidade de mobilizar multidões, foi utilizado como uma ferramenta de propaganda para exaltar a "raça ariana" e consolidar os valores do regime nazista na Alemanha e no mundo. Contudo, este emblemático período na história mundial destaca o potencial do esporte como instrumento de manipulação de massas. Assim, esta pesquisa, a partir da leitura de textos estrangeiros, juntamente dos textos brasileiros que encontramos durante esta jornada, conclui-se com a satisfação de ter alcançado os objetivos que descrevi ao início deste documento: o futebol foi utilizado de diferentes maneiras, mesmo que nem sempre da forma adequada aos ideais do Terceiro Reich, como ferramenta de propaganda nazista durante os anos de 1933 e 1945.

Por fim, esta pesquisa reforça a necessidade de compreender o papel do futebol para além de seu caráter esportivo e recreativo, explorando suas interações com as dinâmicas sociopolíticas ao redor do mundo.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- BACELAR, J. **Apontamentos sobre a história e desenvolvimento da imprensa**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Lisboa, 1999.
- BARBOSA, Ycarim. Um conceito de poder. **Revista Anhangüera**, Goiânia, v. 2, n. 1, p. 34-49, jan/dez. 2001.
- BECHLER, Reinaldo Guilherme. Vidas entre a ficção e a realidade: o filme *Der Führer schenkt den Juden eine Stadt* (1944) como objeto de reflexão sobre o cinema nazista. **Revista Brasileira de História da Ciência**, v. 6, n. 1, p. 35-48, 2013.
- BERENSON, Edward; GILOI, Eva. **Constructing charisma: Celebrity, fame, and power in nineteenth-century Europe**. Berghahn Books, 2022
- BRITO, Rafaela Silva; TEIXEIRA, Eliana Maria de Souza Franco. A influência dos meios de comunicação na opinião pública no sistema político. **Direitos Democráticos & Estado Moderno**, n. 2, p. 97-112, 2021.
- BURRIN, Philippe. **Hitler e os judeus: gênese de um genocídio**. Tradução de Ana Maria Capovilla. Porto Alegre: L&PM, 1990.
- CHOMSKY, Noam. **Mídia: propaganda política e manipulação**. WWF Martins Fontes, 2015.
- COSTA, F.C.; MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Papyrus Editora, 2015.
- COUTO, Joaquim Miguel; HACKL, Gilberto. Hjalmar Schacht e a economia alemã (1920-1950). **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 3, p.311-341, dez. 2007.
- DA PAIXÃO FERREIRA, Andréia. A invenção do rádio: um importante instrumento no contexto da disseminação da informação e do entretenimento. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, v. 3, n. 1, 2013.
- D'ANIERI, Andrew. Defining the Boundaries of the Nation: Nazi Soccer Policy in the Third Reich. **Undergraduate Journal of Humanistic Studies**, v. 6, p. 15, 2018.
- DE ALMEIDA, Ângela Mendes. **A República de Weimar e a ascensão do nazismo**. Ed. Brasiliense, 1987.
- DE ALMEIDA, Letícia Rafaela. O PAPEL DA PROPAGANDA NO GOVERNO NAZISTA E A IMAGEM EXTERNA DA ALEMANHA: UMA ANÁLISE À LUZ DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS Recife. **Portal de Trabalhos Acadêmicos**, v. 13, n. 1, 2021.

- DOMENACH, Jean-Marie. **A propaganda política**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.
- DOUGAN, Andy. **Futebol & Guerra: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- EVANS, Richard J. **The coming of the Third Reich**. Penguin, 2005.
- FELDHUES, Paulo Raphael. Imprensa e Cultura Política. **Cadernos de História**, v. 3, n. 2, p. 192-202, 2008.
- FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Revista de Administração pública**, v. 44, p. 367-383, 2010.
- FEST, Joachim. **Hitler**, 2ª Ed, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1973.
- FORNARI, Ernani. **O incrível Padre Landell de Moura**. 2 ed. RJ: Biblioteca do Exército, 1984.
- FORNAZIERI, Aldo. **Liderança e poder**. Editora Contracorrente, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GOUVEIA, João Miguel Monteiro. **A Propaganda do terceiro Reich: o mecanismo de propagação da ideologia Nazi**. 2022. Tese de Doutorado.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- GRAMSCI, Antonio. **Maquiavel, a política e o Estado moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- HILMES, Oliver. **Berlín, 1936: dieciséis días de agosto**. Tusquets Editores SA, 2017.
- HITLER, Adolf. **Minha luta**. Clube de Autores, 2020.
- IMHOOF, David. The Game of Political Change: Sports in Göttingen during the Weimar and Nazi Eras. **German History**, Pensilvânia, v. 27, n. 3, p. 374-394, 2009.
- JAYO, Martin. Trabalho e cinema. **GV-EXECUTIVO**, v. 7, n. 6, p. 54-57, 2008.
- JOWETT, Garth S.; O'DONNELL, Victoria. **Propaganda & persuasion**. Sage publications, 2012.
- KEYNES, J. M. **As Consequências econômicas da paz**. Editora Universidade de Brasília, 2002.
- LAZARINI, Fabiane Letícia Mello; PIEREZAN, Alexandre. A IDÉIA DE PRÍNCIPE EM MAQUIAVEL–ABORDAGENS INICIAIS. **ANAIS DO ENIC**, n. 1, 2009.

LIPPMANN, W. The World Outside and the Pictures in Our Heads. *In*: PUBLIC Opinion. 1922.

MAQUIAVEL, Nicolau. “O Príncipe” São Paulo: Martin Claret, 2008.

_____. “O Príncipe”. São Paulo: Nova Cultural Ltda., 2000.

MARGRY, Karel. ‘Theresienstadt’ (1944–1945): The Nazi propaganda film depicting the concentration camp as paradise. **Historical Journal of Film, Radio and Television**, v. 12, n. 2, p. 145-162, 1992.

MARKS, Sally. **The illusion of peace: international relations in Europe, 1918-1933**. New York: Macmillan, 2003.

MERKEL, Udo. The hidden social and political history of the German football association (DFB), 1900– 50. **Soccer & Society**, Londres, v. 1, n. 2, p. 167-186, 2000. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/14660970008721270>. Acesso em: 11 set. 2024.

MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro. Jogos Olímpicos de Berlim 1936: o uso do esporte para fins nada esportivos. **Logos**, v. 19, n. 1, 2012.

PIEREZAN, Alexandre. **A Perfeição do político: A idéia de príncipe no Testament Politique do Cardeal de Richelieu**. Curitiba: Editora Prefhacio, 2004.

PORTELLI, H. **Gramsci e o bloco histórico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PORTO, Rayssa; SILVA, Mirthis. TRATADO DE VERSALHES: SANÇÕES PARA A PAZ?. **Anais do 2º Encontro Internacional, História e Parcerias-ANPHUR**, 2019.

RIBEIRO, G. M.; CHAGAS, R. L.; PINTO, S. L. O renascimento cultural a partir da imprensa: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV. **Akropólis**, Umarama, v. 15, n. 1 e 2, p. 29-36, jan./jun. 2007.

SALUN, Alfredo O. Esportes e propaganda política na década de 1930. **Contemporâneos - Revista de Artes e Humanidades**, Santo André, v. 10, p. 1-15, 2012.

SARTÓRIO, Sarah Gonçalves Patrocínio; COLOMBO, Arthur; FAVORATO, Diego. Reparações e dívidas no Entreguerras: as dificuldades político-econômicas da Alemanha à luz das contribuições de Hjalmar Schacht. **História Econômica & História de Empresas**, v. 23, n. 2, p. 281–313, 2020. Disponível em: <https://hehe.org.br/index.php/rabphe/article/view/676>. Acesso em: 1 out. 2024.

SBROCCO, Fernando Moreira. **A Alemanha no período entre-guerras: um estudo sobre a hiperinflação e a ascensão do nazismo**. 2011.

SCHACHT, H. **Setenta e seis anos de minha vida**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

SIGOLI, Mário A.; JUNIOR, Dante de R. A história do uso político do esporte. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 2, p. 111-120, 2004.

SIMPSON, Kevin E. **Soccer under the Swastika: Stories of Survival and Resistance during the Holocaust.** Lanham: Rowman & Littlefield, 2016.

TASSIN, Etienne. Pouvoir, autorité et violence. La critique arendtienne de la domination. In: GODDAR, Jean-Christophe; MABILLE, Bernard. Le pouvoir. Paris: Integral/Vrin, 1994. United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/writing-the-news>. Acesso em: 18 set. 2024.

VASCONCELLOS, Douglas W. **Esporte, poder e relações internacionais.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, p. 332, 2008.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** Brasília: Editora UNB, 1999.

WELCH, David. **The Third Reich: politics and propaganda.** Routledge, 2007.